FRANCISCO MARQUELINO SANTANA

# AMAZÔNIA CASTIGADA

Atena
Editora
Ano 2023

FRANCISCO MARQUELINO SANTANA

# AMAZÔNIA CASTIGADA

Atena Editora

Ano 2023

**Editora chefe**
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
**Editora executiva**
Natalia Oliveira
**Assistente editorial**
Flávia Roberta Barão
**Bibliotecária**
Janaina Ramos
**Projeto gráfico**
Camila Alves de Cremo
Ellen Andressa Kubisty
Luiza Alves Batista
Nataly Evilin Gayde
**Imagens da capa**
iStock
**Edição de arte**
Luiza Alves Batista





LINGUÍSTICAS, LETRAS E ARTES

Amazônia castigada

**Diagramação:** Ellen Andressa Kubisty
**Correção:** Soellen de Britto
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga
**Revisão:** O autor
**Autor:** Francisco Marquelino Santana

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

S232 Santana, Francisco Marquelino
Amazônia castigada / Francisco Marquelino Santana. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-1527-5
DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.275233006

1. Amazônia. I. Santana, Francisco Marquelino. II. Título.

CDD 918.11

**Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166**

**Atena Editora**
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce,* ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

# DEDICATÓRIA

AO 23º ANIVERSÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS, PESQUISA E MODOS DE VIDA DA CULTURA AMAZÔNICA – GEPCULTURA / PPGG / UNIR / PORTO VELHO / RONDÔNIA




newsrondonia.com

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

MARCOS JOSÉ ROCHA DOS SANTOS

**GOVERNADOR DO ESTADO DE RONDÔNIA**

ANA LÚCIA PACINI

**SECRETÁRIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO - RO**

IRANY DE OLIVEIRA

**GERENTE GERAL DE EDUCAÇÃO – SEDUC - RO**

A Amazônia sobrevive entranhada à alma de sua gente. Na essência divinizada da vida, a floresta adormece nos devaneios privilegiados das populações originárias e tradicionais do imaculado apego ao lugar. Na exaltação desmesurada dos sentidos, o caminhar devaneante do homem com o seu peculiar entrelaçamento com a mãe terra, resulta no ontológico e transcendental mundo de suas encantarias florestais.

Amazônia Castigada procura entender e mostrar não somente a exuberância cósmica da natureza amazônica, mas também desnudá-la da visão europeizada ainda dominante e vigente nas diversas interpretações que ainda insistem em conceituar de forma reacionária e preconceituosa, os originais e tradicionais modos de vida até então existentes.

Na escabrosidade humana podemos dizer que o escárnio espoliante de uma sociedade envolvente facínora, faz com o deslumbramento de uma natureza ornada de flores, saia de sua suntuosa generosidade e padeça diante da ganância e desbrio da natureza humana.

Na hecatombe humana enfatizamos que a morte em vida esmaece no colo da terra mãe, a segregação socioespacial avança de forma desenfreada, enquanto a desmesurada exaltação dos sentidos é profundamente abnegada e abominada pela absurdez do ódio humano em ascensão.

Nesta poética brasiviana do Volume I de Amazônia Castigada, alertamos também em dizer que se a ignobilidade humana não prevalecer, se a natureza não se tornar palco de estratagema, se a união não cair em desregramento eterno, e se o lugar das populações originárias e tradicionais da Amazônia não for mais ameaçado, quem sabe um dia, a paz volte a reinar na casa da verde mata.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

# A CASA DA VERDE MATA

A admirável e fabulosa floresta amazônica aloja com dignidade os seus entes originais e tradicionais de um lugar celebrado pela obstinada força da resistência humana.

As almas do lugar não desejam alojar o fatídico e farsante mundo da sociedade envolvente, mas infelizmente, continuam sendo vítimas de ações externas que mobilizam uma predatória concentração de capital no sentido de desalojar essas almas e ao mesmo tempo provocar o encurralamento do seu espaço vivido da forma mais violentadora possível.

Homem, cultura, língua e lugar, constituem dessa forma um milenar conjunto de saberes e fazeres ancestrais, visivelmente condenado a um gólgota de ódio, terror e medo. Esse conjunto de valores vem sendo a cada século e a cada década, submetido de maneira atroz à hostilização degradante da vida.

Se é dever do poder público estancar o ecocídio, e se é um direito constitucional não se adotar o mais cruel etnocídio, deve ser também um dever das novas gerações quebrar velhos estereótipos históricos e adotar novos paradigmas, estabelecendo novas alternativas de sobrevivência que ofereça ao homem e a natureza uma relação de paz e dignidade que nos leve a trilhar os caminhos do vem viver.

Se a ignobilidade humana não prevalecer, se a natureza não se tornar palco de estratagema, se a união não cair em desregramento eterno, e se o lugar das populações originárias e tradicionais da Amazônia não for mais ameaçado, quem sabe um dia, a paz volte a reinar na casa da verde mata.

# A CRUZ DO CALVÁRIO

Na privação do distanciamento social às leis vigentes, o poder público parece abdicar friamente dos seus deveres constitucionais para com as populações originárias da Amazônia Continental. A sociedade envolvente em profundo estado de execração ao outro, promove de forma reacionária, um alijamento danoso a essas minorias étnico – raciais marginalizadas dos países amazônicos.

Para o pesquisador, escritor e estudioso das relações internacionais, Argemiro Procópio, essa sociologia dos países amazônicos nas relações internacionais, reflete os cuidados necessários ao multilateralismo com raízes enfraquecidas pela falta de consenso nascida da sociedade democrática. Segundo nos esclarece Procópio, essas relações creditam à incompreensão dialógica e às tensões oriundas da convivência com a perversa distribuição de renda e a ausência de sustentabilidade político – diplomática na dinamização da cooperação.

Podemos dizer ainda que falta beneficência social nas relações democráticas com os povos indígenas. O infortúnio é visível, o calabouço persiste, vidas continuam sendo ceifadas, e os direitos sagrados continuam coercitivamente cerceados, provocando sem comiseração o asfixiamento degradante do exercício pleno de cidadania.

Conforme assinala a socióloga Ilse Scherer- Warren, o exercício da cidadania plena implica marcar presença na esfera pública, significa adquirir e garantir direitos, cumprir com os deveres sociais e, em condições consideradas adversas, buscar a conquista de novos direitos. Para Scherer-Warren, a cidadania pressupõe a observação de regulamentações sociais, a convivência societária e, em última instância, o reconhecimento também do outro como cidadão.

Nesse sentido podemos dizer que as populações indígenas do Estado plurinacional amazônico continuam submetidas a um excessivo desmazelo que promove o desregramento institucional, e que este, por sua vez, promove um escárnio esdrúxulo contra essas populações e contra a democracia vigente internacional.

De acordo com o escritor equatoriano Alberto Acosta, o Estado plurinacional, exige a incorporação dos códigos culturais dos povos e nacionalidades indígenas, ou seja, há que se abrir as portas a um amplo debate para transitar a outro tipo de estado que não seja amarrado às tradições eurocêntricas. Segundo Acosta, neste processo em que será necessário repensar as estruturas estatais, há que se construir uma institucionalidade que materialize o exercício horizontal do poder. Para o mesmo autor, isso implica cidadanizar individual e coletivamente o estado, criando espaços comunitários como formas ativas de organização social, onde a própria democracia precisa ser repensada e aprofundada.

Enquanto as nações indígenas do Estado plurinacional forem tratadas sem escrúpulo, forem tratadas com escárnio, forem tratadas de forma esdrúxula e estereotipada, forem tratadas de forma exacerbada, e forem tratadas com execração e hostilização humana,

certamente, terão que continuar lutando e resistindo contra a horripilante cruz do calvário.

# A ESCABROSIDADE HUMANA

Na abjeção aviltante ao ato de ser, o homem na sua repulsa e abrutamento, faz com que a fabulosa mata, perda a sua estesiante e fascinante volúpia original dos sentidos.

A marca aviltante da brutalidade, a altercação alcantilada da armadilha e a soberba e arrogância da ignorância em ascensão, resultam assuadamente no ápice obscuro da desordem e do conflito.

Cada árvore que tomba, a humanidade perde uma vida, e cada caule que sangra, as águas perdem a sua original tonalidade azul – verdejante ou amarelada.

Os povos originais e tradicionais da floresta são de forma beligerante arrebatados pelo rancor e pelo ódio profundo. Nesta aversão e antipatia fútil e grosseira, fica deflagrado um verdadeiro estado de guerra, enquanto a virtuosidade humana entra exauridamente em derrocada.

O escárnio espoliante de uma sociedade envolvente facínora, faz com o deslumbramento de uma natureza ornada de flores, saia de sua suntuosa generosidade e padeça diante da ganância e desbrio da natureza humana.

# A HECATOMBE HUMANA

O alijamento espúrio da essência axiológica da humanidade resulta de forma injuriosa na ruptura afrontosa das relações existenciais do homem com a terra. A derrocada dessas dilacerações depreciadoras do bem viver provoca a dissipação do arquétipo humano e o calabouço delituoso da liberdade.

A devassidão estereotipada da vida ceifa a memória coletiva, extermina saberes e fazeres originais, e culmina na penumbra e escombros da substância ontológica da alma humana.

As peculiaridades estetizantes de viver bem e para o bem, estão sendo asfixiadas pela arrogância ególatra do homem e pela depreciação estigmatizante das culturas milenares.

A morte em vida esmaece no colo da mãe terra, a segregação socioespacial avança de forma desenfreada, enquanto a desmesurada exaltação dos sentidos é profundamente abnegada e abominada pela absurdez do ódio humano em ascensão.

A bisbórria e malevolência do homem e a sua insignificante insistência em degradar de maneira desditosa a natureza e o bem viver, é certamente, promover o advento dos cortejos florestais e cavar a fúnebre cova da hecatombe humana.

# A IMATERIALIDADE DA CASA BRASIVIANA

Na ontológica alma ribeirinha e no benevolente lar da floresta brasileiro - boliviana, não há espaço para a pugnaz xenofobia fronteiriça. A tradicional e obstinada família amazônica não se rende a truculência do mundo tacanho, e não é subserviente a um Estado tecnocrata internacional.

A família brasiviana é por excelência, parte indissociável da mata, e nesse peculiar imbricamento, não há distanciamento ou aversão às diferentes diferenças, não há insolência e perniciosidade contra a vida, e não há obliteração aos tradicionais modos de vida do lugar.

Nesse simbólico e cosmogônico espaço de ação, os guardiães da floresta são divinalmente apropriados pela espiritualidade e toponímia de um lugar singular e plural, e possuídos por um exuberante panteão de significados de seus deuses mitológicos que sobrevivem transcendentalmente alojados no ser do ente de suas coletividades.

A floresta brasiviana do rio Mamu carrega em si um emaranhado de mistérios que são divinamente guardados no imaginário estetizante de seus entes. Neste exímio cenário da natureza encantadora há uma fonte inesgotável de saberes espirituais e mitológicos que nos fascina com seus devaneios poetizantes.

É na concatenação fascinante da noite com o imaculado remanso do rio que brotam os desejos do homem ribeirinho. No entanto, a vontade instigante do ser é vigilantemente controlada pelo poder do velho-da-canoa. Esta generosa figura mitológica brasiviana atua no exuberante silêncio da noite, é dotado de uma alma extremamente benévola e percorre o rio Mamu numa velha canoa feita de Itaúba.

Enquanto rema, ele viaja nos devaneios do homem ribeirinho, ingressa misteriosamente nos sonhos de cada um, analisa os desejos não concretizados durante o dia, atenta para os desejos pretendidos do dia vindouro e em seguida prioriza as vontades mais urgentes e necessárias à serem atendidas.

Com uma visão imaculadamente cosmopolita, o velho-da-canoa é considerado a alma da floresta. Em seu estado de profunda pureza, ele é o ensaio virtuoso da contemplação divinizada da natureza, e é durante seus trajetos noturnos que ele adormece no silêncio sublime da solidão, buscando no espaço e tempo a sua majestosa imensidão.

O velho-da-canoa viaja na intimidade do ente seringueiro, ele procura atender os desejos da vida ribeirinha, atender o que é de maior necessidade. Ele vive na imensidão da alma e na vastidão da relação do homem com a natureza, uma prova irrefutável do deslumbramento transcendental da imaterialidade da casa brasiviana.

# A INSERÇÃO DA MULHER NOS SERINGAIS BRASIVIANOS

O papel da mulher nos seringais brasivianos, assim como nos seringais amazônicos, tornou-se um fator de grande relevância social para os modos de vida em suas colocações. Cuidar do lar não era a única atividade exercida pela mulher nos seringais.

A mulher também exercia os trabalhos de extração do látex, da defumação e demais afazeres tidos como exclusividade dos homens. Dona Francisca Ribeiro nos fala que desde os sete anos de idade aprendeu a cortar seringa. Ela nos disse que cortou seringa nos seringais do rio Mamu durante muito tempo, e depois cortou seringa em outros seringais da Bolívia, ao longo do rio Abunã. Mas segundo ela, a vida nos seringais não se resumia apenas nessas atividades de cortar seringa e quebrar castanha. Ela narrou fatos de outras atividades que ela gostava muito de fazer:

*Eu pegava o leite da castanha, botava numa tigela, e depois eu ia buscar colorau. Depois eu pegava o colorau, pisava bem pisado e aí, depois eu misturava com o leite da seringa. Depois eu pegava a bola de borracha, eu derramava em cima dessa bola de borracha, o leite que eu tinha preparado com o colorau. Ficava uma bola colorida muito bonita. Eu enfeitava minha casa com essas bolas, nossa eu gostava demais. Outra coisa que eu fazia, era com o barro, a tabatinga, um barro branco. Eu pegava o leite da seringa misturado com o colorau e passa no barro. Depois eu pegava aquele barro e passava na parede do meu fogão. Ficava muito bonito.*

Através de um projeto educacional denominado “Escritores da floresta”, desenvolvido na comunidade de Extrema, Dona Raimunda Constantino da Paz, uma ex-seringueira e esposa de um soldado da borracha já falecido, nos revelou histórias de tristezas e felicidades ocorridas nos seringais fronteiriços da Ponta do Abunã.

Em sua narrativa, inicialmente, ela nos conta que sofreu muito preconceito da família por ter nascido negra. Mas ela diz se orgulhar do jeito que ela é. No início da década de 1940, ela e seu esposo, saindo do Rio Grande do Norte vieram trabalhar nos seringais do rio Abunã.

O amor que ela tinha e tem pelo saudoso esposo é muito grande. Na solidão, ela escreve os seus poemas dedicados a ele, e faz suas pinturas, como forma de curar a depressão desde que o seu companheiro faleceu. Observemos alguns trechos de sua memorável narrativa:

*Diante de poucas lembranças, começo a narrar minha história de um começo que ainda não teve fim. A realidade é que quando nasci logo sofri, sofri com a dor do abandono. Meus pais me abandonaram por racismo, tive o prazer de nascer com a pele morena por isso minha mãe não me aceitou, não recebi nem mesmo um nome. Aos 17 anos me casei com um rapaz que me conquistou. Mesmo agora após sua morte sou fiel a este rapaz, tivemos nove filhos sobreviveram seis. Quando me casei em minha terra natal “Florânia do Rio Grande do Norte” éramos tão jovens que o padre não queria nos casar, pois dizia*

*que éramos crianças. Mas depois de me casar viemos para essas belas terras cobertas de um verde espetacular, cortar seringa, meu falecido esposo era um soldado da borracha. Ele começou a cortar seringa muito jovem, com apenas 18 aninhos. Quando estava aprendendo, derramava o leite da seringa, então o sujeito que estava a lhe ensinar dizia "há você e muito "brabo mesmo". Então todos começaram a lhe chamar de Zé brabo. Até hoje, após a sua morte, algumas pessoas me chamam de Maria braba. Minha história no seringal é ruim, porém é feliz. Sofremos muito. Comíamos farinha que amargava até a alma. Essa farinha vinha em pequenas embarcações que vinham do rio. A parte feliz dessa história é do meu amor pelo meu falecido esposo, me amava tanto que não me deixava trabalhar, eu gostava de tirar o leite da seringa, mas ele não deixava. Vivemos com muito amor dentro do seringal. Mas um certo dia, ele pegou uma malária, foi se tratar em Porto Velho, mais a malária já tinha se transformado em hepatite, e ele voltou no caixão da funerária. Com os olhos cheios de lagrima digo a vocês que naquele momento fiquei sem chão. Meu mundo desmoronou. Mas com muita fé em Jesus consegui superar.*

A ex-seringueira, Raimunda Constantino da Paz continua fazendo seus poemas e seus desenhos. Ela diz não esquecer da vida que levou dentro dos seringais, e atualmente, através da arte ela vai conseguindo superar a ausência que diz sentir da sua família, e mais ainda do seu esposo.

Num estudo realizado sobre as "Vidas cotidianas das mulheres nos seringais do Amazonas", os pesquisadores Antônio Emílio Morga e Mônica Maria Lopes Lage nos falam sobre relações de gênero nos seringais, observemos:

*Além desses fatos, com a morte do marido recaía sobre ela toda a responsabilidade do lar tanto moralmente quanto economicamente. Quando a mulher, não apresentava condições de manter o lar, sozinha, a viuvez passava a ser um tormento em sua vida. O peso da responsabilidade de sustentar os filhos era o que as levavam a saírem em busca de trabalho e oportunidades, e quando não conseguiam essa oportunidade tinham que recorrer à solidariedade de parentes e amigos.*

O seringal também teve em seus tempos, as marcas de violência, principalmente cometidas por homens que em face de uma linguagem moralista, atrelada ao machismo, muitas vezes se utilizava da arrogância de superioridade para ceifar a vida da mulher diante da malevolência de uma sociedade patriarcal. Diante o exposto, o Professor Antônio Emílio Morga deixa-nos a seguinte informação:

*Contudo, apesar de ser construído como lugar da virilidade e da força, o mundo do seringal diante dos crimes da paixão insere-se na sociedade, em que a honra amorosa lava-se com sangue. Sangue que na maioria das vezes tem na mulher o objeto dessa violência a qual se legitima por intermédio dos discursos morais, éticos e jurídicos. Para além dos meandros históricos da construção social dos seringais, a violência masculina diante dos crimes amorosos poder-se-ia dizer que se esconde no imaginário masculino na construção da inferioridade feminina.*

Os seringais brasivianos possuem uma longa tradição de casamentos de brasileiros com bolivianas, e vice-versa. Os modos de vida existentes entre os dois povos, sempre foi de proximidade mútua, visto que ambos sempre viveram do extrativismo vegetal, da pesca, da caça e de uma economia de subsistência fraterna e coletiva.

A expulsão das famílias brasivianas do rio Mamu, atrelada a humilhação, certamente, inspira-se nos interesses ilícitos sociais, e numa geopolítica-fronteiriça binacional fútil, notadamente esmaecida pela fragilidade estatal do status quo vigente.

# A MARCA DA RESISTÊNCIA

Em profundo estado de invisibilidade, arrebatados pelo ódio execrado da intolerância, e insolentemente desterrados pelo descalabro hostil de ações degradantes da sociedade envolvente, as minorias étnico-raciais amazônicas, resistem como podem às atrocidades beligerantes de um conciliábulo enrijecido por atividades delituosas e degradantes que aterrorizam as suas coletividades.

O conúbio afrontoso deflagrado historicamente contra os povos originários, continua ceifando vidas, espoliando valores milenares e ludibriando de forma tenebrosa, o espaço vivido de representações simbólicas ancestrais.

Narrativas míticas de um mundo transcendental estão sendo silenciadas, o pertencimento linguístico-cultural segue em execrável obliteração, enquanto a territorialidade indígena é criminalmente deteriorada pelas relações de poder do conservador modelo econômico de ocupação da Amazônia.

Enquanto a usurpação de identidades coletivas, continuar reinando desenfreada, e enquanto as experiências socioespaciais originárias continuarem sendo cotidianamente submetidas a hostilizações históricas horripilantes, certamente, a imagem geopolítica da Pan-Amazônia continuará danificando e abalando os pilares da democracia internacional.

Mas as nações indígenas não se rendem e não se curvam às banalizações estruturais do mundo vigente, seus direitos constitucionais não se transformarão em cinzas, e mesmo diante dessa exasperante demora, o enfrentamento às forças reacionárias, continuará sendo a principal marca dessa resistência.

# A MARCHA DOS MORTOS VIVOS

A abominação abnegada de uma marcha aviltante traz na absurdez de entes embrutecidos pela bestialização humana, a bisbórria de elementos desprezíveis à serem posteriormente condenados pela história.

A ridicularização do ser promove a indomável aversão ao outro, enquanto a marcha fúnebre encanta clamorosamente as vítimas alienadas do discurso persuasivo, que amedronta e asfixia uma massa desprovida irracionalmente de pão.

Os atos burlescos da vida são extremamente nocíveis à cidadania, e se tornam, verdadeiros catrapoços da ignorância, e da conspiração social convalescente. Nessa maquinação teimosa e doentia, a libertinagem ecoa como que desenfreada, sustentada pela marcha odiosa que procura exterminar a qualquer custo, a liberdade democrática de direito.

Uma marcha que alimenta o ódio às diferentes diferenças, que insiste em promover o deletério das classes sociais subalternas, e que deprecia os valores sócio – linguístico – culturais de um povo, certamente é uma marcha temperada à belicosidade e malevolência, e que ao mesmo tempo exala o cheiro desditoso de intolerância à vida.

Oposta ao decoro, a marcha segue valorizando o escárnio, e exacerbando as forças democráticas da nação. A avareza degradante da marcha, mais parece um estado beligerante, anunciando a ascensão catastrófica da censura, da repressão e da dor.

Mas o estetizante e fabuloso povo, em seu fascinante deslumbramento a favor da vida e da defesa intransigente da liberdade de expressão, jamais irá se render aos propostos tenebrosos de uma marcha farsante que insiste em desconhecer a honradez humana, e a promover o advento horripilante da hostilização da vontade popular devidamente expressa na nossa irradiante carta magna.

No presságio ardiloso da morte em vida, o ritual fúnebre segue clamoroso até os degraus da capela em alarido. Em deslumbramento sobrenatural, os badalos gemem esmurrando divinalmente o sino, e este por sua vez, anuncia a chegada e saída dos pobres anárias que se destinam sob penúria até a derradeira morada.

Ao pé da cova uma cruz quebrada sinaliza a beotice humana, enquanto uma multidão à revelia da episteme, aloja-se pesarosamente no calabouço de uma catacumba escura, celebrando a desditosa marcha dos mortos vivos.

# A MIGRANTE DE PAPEL E OS ÓRFÃOS DA XENOFOBIA

Ao deixar a sua embelecida Nueva Esperanza na Província Federico Román, Aymara buscou abrigo no seringal Yacune, almejando oferecer uma vida melhor aos seus filhos. Aymara havia sido abandonada pelo companheiro, e resolveu heroicamente caminhar com a família até a fronteira com o Brasil. Foi nesse exuberante seringal pandino que ela finalmente encontrou trabalho, alimento e estudo para as suas crianças.

Mais tarde a remanescente indígena – batizada com o nome da mesma etnia que a originou – resolveu cruzar a fronteira em busca de uma melhor educação para os filhos. Em território brasileiro, Aymara conseguiu matriculá-los, arrumou emprego e alugou um pequeno apartamento para dividir o pequeno espaço com as suas quatro crianças.

No sonhar de que "*Todo ser humano tem direito a uma ordem social em que os direitos e liberdades estabelecidos na presente declaração possam ser plenamente realizados",* conforme reza a Declaração Universal dos Direitos Humanos; segura de que *"a nossa constituição federal não distingue nacionais de estrangeiros quanto ao gozo de direitos civis";* e ciente de que *"quanto aos direitos fundamentais da pessoa humana, são garantidos aos estrangeiros direito a vida, a liberdade, a igualdade, a segurança e a propriedade*"; a guerreira de Nueva Esperanza, só não sabia do fatídico e cruel destino que a esperava.

Numa noite macabra e tenebrosa, a mulher pandina fora sequestrada, e ficou refém do aviltante facínora, sob o olhar desluzido e desolado da lua. Mesmo diante do seu visível estado de tortura e esmaecimento, Aymara conseguiu libertar-se das amarras do ódio e correr aproximadamente seis quilômetros gritando por ajuda no meio da mata. Mas a sua heroica resistência de querer rever os filhos seus, voltou a ser um pesadelo. Ela foi recapturada, arrebatada a lama, dominada pelo embrutecimento desumano, e condenada de forma exacerbada e degradante ao asfixiamento da morte.

Aymara fora vítima do descalabro malevolente, fora vítima do escárnio fúnebre e grotesco, fora vítima de uma sociedade paternalista conservadora e esdrúxula, fora vítima de uma fronteira gólgota e desprotegida, fora vítima da ignávia e mácula humana, forma vítima de um bisbórria fútil e delinquente, e fora vítima de uma segregação intolerante, tacanha, pérfida e ominosamente racista.

Diante de tanta indignação e repulsa, diante de tanta monstruosidade e nostalgia, e diante de tanta incúria e desregramento binacional, só restou a funesta Nueva Esperanza, receber lacrimosa em sua terra mátria: a migrante de papel e os órfãos da xenofobia.

# A MORTE EM VIDA

Visivelmente vulneráveis à truculência humana, muitos jovens são submetidos de forma tacanha a uma sociedade tácita, subserviente e violenta. Os seus passos fragilizados pela dor são recrudescidos pela fome e prevaricação de um status quo pugnaz e petulante.

Sem as forças da obstinação, perseverança e tenacidade, crianças e adolescentes são sucumbidos por um mundo perpétuo de perniciosidade social e excludente.

Diante de um falso juramento, o discurso persuasivo e insolente, domina, cala e condena uma juventude próspera na armadilha do cadafalso e na extrema humilhação da desonra pública. Neste opróbrio que oblitera e mata, o mundo dos jovens torna-se caduco e obsoleto, enquanto os degraus da vida são exterminados pela mendicância e miserabilidade humana do martírio social.

A vida em malogro esmaece lutulenta e sem luzeiro, a inépcia pública gera desgraça e infelicidade, e nesta indigência e incúria, uma juventude inefável tomba ao chão de forma indelével e arbitrariamente inóspita.

Nesta inocuidade insidiosa da desonra e do desmazelo imprudente que destruiu o lar, a miséria tornou-se costumeira, e neste impropério social malevolente, a família não resistiu à hostilização arrepiante do cotidiano e foi condenada à flagelação exacerbada da morte em vida.

# A MULHER BRASIVIANA COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA

A brasiviana Francisca Sampaio, mais conhecida por “Dona Nete” entre amigos e parentes, tornou-se símbolo de resistência numa fronteira binacional. O rio Mamu era a sua fortaleza e o lugar que na sua espacialidade representava os seus modos de vida, adquiridos desde o advento do primeiro surto da borracha na Amazônia.

Com a invasão dos campesinos à sua casa nos seringais bolivianos do Departamento de Pando durante o governo Evo Morales, Francisca se encontrava apenas com seus filhos, pois o esposo tinha ido ao distrito de Extrema comprar remédios, naquele trágico momento, Francisca, viu o seu mundo começar a desmoronar.

Coma chegada do esposo, A família deixa os seringais do Mamu, entra no rio Abunã, até chegar pesarosamente ao Porto Extrema. A sua nova casa, foi o próprio batelão, onde ficaram alojados por muito tempo, até que conseguissem trabalhar, juntar um dinheiro, e ir comprando o material para a construção de uma nova morada.

Vendo a situação em que se encontrava a família, um empresário da região, disponibilizou um pedaço de terra na fundiária de sua fazenda para que a família iniciasse a construção da casa, localizada às margens do rio Abunã no Porto Extrema.

A luta estava apenas começando, a casa de Francisca, tornou-se o ponto de apoio de todas as famílias brasivianas que iam sendo expulsas de seus seringais. Ela sempre atendeu a todos, enquanto crescia o movimento de conquista por um novo assentamento em território brasileiro.

Francisca tinha muitos sonhos, mas a próxima meta, era conseguir a construção de um mastro da bandeira nacional no rio Abunã, ao lado de sua casa. Ela sempre dizia que não tinha raiva de ninguém, nem qualquer outro povo, apenas queria que o seu país fosse respeitado, assim como ela respeitava o país dos outros.

A brasiviana consegue montar uma parceria com o Projeto ética e cidadania da Escola Jayme Peixoto de Alencar do distrito de Extrema, e com o 3º Pelotão de Fronteira do Exército Brasileiro – 3º PEF, localizado no Município acreano de Plácido de Castro, e que era o batalhão responsável pela segura naquela área de fronteira.

A luta de Francisca chamou a atenção das autoridades nacionais, que passou a acompanhar o seu trabalho no sentido de sensibilizar as autoridades pela busca de um pedaço de terra para cada família brasiviana que forram expulsas de seus seringais.

Francisca, enfim, conseguiu realizar mais um sonho, que era o de ter um mastro da bandeira nacional brasileira, construída às margens do rio Abunã, inaugurado pelo Exército Brasileiro no ano de 2012. Na oportunidade, Francisca foi condecorada pelo 3º Pelotão Especial de Fronteira – 3º PEF, do Município de Plácido de Castro, recebendo o título de “**Sentinela do Abunã**”.

Francisca lutou incansavelmente na conquista de seus direitos humanos, e em nenhum momento rendeu-se à xenofobia fronteiriça. Ela foi forçada a deixar seu lugar,

foi forçada a deixar os seus modos de vida e foi forçada a deixar as águas do rio Mamu, mas não se separou de tudo das águas, ela ficou juntamente com sua família, morando às margens do rio Abunã.

Ela continuou lutando no sentido de conseguir seu pedaço de terra, e a sua casa tornou-se um ponto de encontro de todos os seringueiros que foram expulsos da floresta pandina. Vários protestos foram realizados às margens do rio Abunã, e a sua casa acolheu a todos naquele momento de agonia e humilhação.

Francisca continuou lutando, e no ano seguinte ela conseguiu junto a Eletrobrás que a rede de energia elétrica chegasse até às margens do rio Abunã, onde a sua casa estava localizada. Enquanto isso, outra conquista sua para que os seus filhos pudessem estudar, e as demais crianças que moravam no ramal da linha dois, foi a implantação do transporte escolar rural.

A brasiviana jamais se rendeu a qualquer ato de desumanidade que viesse impedi-la de lutar pela sua família, e pelas famílias daqueles que passaram também pela mesma agonia que ela passou. Francisca nunca se acomodou e nunca perdeu o brilho da sua humildade, ela continuou lutando, resistindo e superando as truculências que o mundo malevolente oferece a existência do ser.

A mulher brasiviana como símbolo de resistência, agora como todos os brasivianos, ela queria um pedaço de terra para plantar e colher. Uma terra para cuidar, viver e ir se adequando à novos modos de vida, diferente dos seringais, onde viveu a sua vida inteira.

Mas essa conquista seria árdua, muitos brasivianos diante da morosidade do governo federal e da Organização Internacional para Migrações (OIM) – um organismo da ONU - não suportaram a demora e partiram em busca da sobrevivência em outras localidades, enquanto outros foram chamados à residirem em outra dimensão da vida.

Cansados de esperar, os brasivianos se reúnem na casa de Dona Francisca e dão um ultimato às autoridades brasileiras e internacionais. O ano de 2012 foi marcado por vários protestos e reuniões diplomáticas. Como se não bastasse, ao lado de sua casa, um oficial da Força Naval Boliviana, atraca a voadeira às margens do Porto Extrema, e fardado invade o território brasileiro para tomar satisfações com os seringueiros brasivianos.

A truculência e abuso do oficial, fez com que os brasivianos retessem o Tenente Juan Pacheco, e o mantivessem no território brasileiro até que as autoridades federais aparecessem para solucionar a questão.

Com a intervenção da Polícia Militar no caso e a transferência do oficial para o comando naval de Guayaramerim no Departamento de Beni, mais uma vez, os brasivianos se reúnem na casa de Dona Francisca, para juntos, buscarem uma solução em busca da terra prometida. Foi quando eles decidiram fechar o Porto Extrema, e impedir a passagem de qualquer boliviano que por ventura insistissem em atravessar o porto com as suas embarcações.

E assim o fizeram, foi preciso que os coordenadores do Projeto ética e cidadania

mantivessem contato com a Embaixada Brasileira de La Paz, e conseguissem uma data de confirmação para que um diplomata viesse conversar com eles, e se comprometesse com propostas concretas para que eles pudessem ser definitivamente assentados em território brasileiro.

A Embaixada se pronunciou, e marcou uma data para comparecer no distrito de Extrema e mais uma vez conversar com os seringueiros brasivianos. Somente assim, eles decidiram reabrir o Porto Extrema. Na presença das autoridades da Embaixada Brasileira de La Paz e da Polícia Federal, e de membros do Projeto ética e cidadania, Francisca explica sobre a situação de penúria que muitos brasivianos estavam vivendo, e solicita das autoridades, urgência no assentamento, para evitar que problemas mais graves pudessem acontecer naquela área fronteiriça.

Depois de muita espera, finalmente, os brasivianos foram reterritorializados em assentamentos nos Estados do Acre e Rondônia. Dona Francisca, e família foram assentados numa área localizada no município de Bujari no Estado do Acre.

Certamente, Francisca não tem como esquecer um lugar que marcou profundamente a sua vida, e a vida de todas as famílias brasivianas do rio Mamu. Francisca é mais do que a sentinela do Abunã, Francisca é a mulher brasiviana como símbolo de resistência.

# A ONTOLOGIA DO LUGAR RIBEIRINHO

Foi através da fronteira do humano onde o seringueiro adentrou na floresta para construir o seu lugar. No seringal ele construiu no espaço e tempo a sua peculiar e tradicional identidade cultural seringueira. A exuberante paisagem natural amazônica foi cotidianamente sendo lapidada pela inserção da mão seringueira que a transformou numa paisagem cultural enfeitada com seus tapiris, suas estradas de seringa e seus utensílios de trabalho como relevantes marcas estabelecidas na colocação: o seu lugar.

Para Eric Dardel a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, tornou-se fruto da manifestação de seu ser. Segundo o referido autor, é desse lugar, base de nossa existência, que, despertando, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro.

Foi nas atividades cotidianas da mata que o ribeirinho construiu e sentiu ontologicamente que a sua casa e os seus utensílios de sobrevivência tornaram-se fenômenos que também faziam parte do seu próprio imbricamento humano. Em seus estudos heideggeriano, Lígia Saramago nos diz que é a fenomenologia do utensílio, que constitui uma das mais comentadas temáticas de Ser e Tempo e que traz em suas linhas uma expressiva reflexão sobre o lugar como espaço vivido.

Se espacialidade e territorialidade são indissociáveis da ação humana ribeirinha, a vivência é fruto da experiência desse espaço vivido. Pois de acordo com Yi-fu Tuan, o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado.

As populações tradicionais impregnam-se no seu espaço de ação e temporalidades, para incorporarem o pertencimento de lugar, e este pertencer fica imbricado à sua identidade ribeirinha. Para Tuan uma identidade de lugar se alcança pela dramatização das aspirações, necessidades e ritmos funcionais da vida pessoal e dos grupos.

Segundo aponta Edward Relph, geógrafo e professor da Universidade de Toronto, Lugar não é meramente aquilo que possui raízes, conhecer e ser conhecido no bairro e não é apenas a distinção e a apreciação de fragmentos da geografia. Para o autor, o núcleo de significado de lugar se estende, segundo ele, em suas ligações inextricáveis com o ser e com a própria existência.

Para Edward, lugar é um microcosmo, é onde cada um de nós se relaciona com o mundo e onde o mundo se relaciona conosco, pois o lugar é parte de um processo em que o mundo inteiro está de alguma forma implicado, e isso, é existencial e ontológico, enquanto que para o geógrafo Eduardo Marandola, estar no mundo fenomênico ontológico é, nessa perspectiva, uma imersão completa que coloca no centro, um ser num mundo circunscrito e circundado pelas coisas e pelos homens, circunstanciado no tempo e no espaço.

As coletividades tradicionais ribeirinhas amazônicas, carregam seculares modos de vida que foram nesse espaço e tempo, incorporadas ao seu ser, sendo desta forma, metamorfoseadas em imensuráveis experiências que vivificaram a alma e o sentimento

ontológico do lugar.

No estudo intitulado "O sentido de lugar", Lívia Oliveira nos informa que o lugar na geografia, desde o início da geografia humanista, foi sempre a essência propriamente dita da ciência geográfica, e que refletir sobre o lugar é refletir de certa forma sobre o sentido da geografia. Segundo a mesma autora, é o lugar experienciado como aconchego que levamos dentro de nós, isto é, o lugar consciente do tempo social histórico, recorrente e mutável, no transcorrer das horas do tempo em um espaço sentido dentro de um lugar exterior ou interior.

Lígia Saramago no estudo denominado "Como ponta de lança" – O pensamento do lugar em Heidegger – nos diz que uma das primeiras associações que podemos então estabelecer no contexto do pensamento heideggeriano sobre o lugar é sua indissolúvel vinculação com a ideia de significatividade, que pode ser também compreendida como abertura de sentido das coisas. Desta forma a citada a autora nos esclarece que, o que imediatamente se mostra como fundamental nesta passagem é a importância decisiva atribuída à relação entre ser e estar em seu lugar, uma relação de um autêntico e essencial pertencimento ao lugar.

O pertencimento de lugar do tradicional povo ribeirinho, está principalmente, incorporado na vivacidade das águas e da floresta. Um lugar de apego, e de onde eles arrancam o sustento da família. Nesse sentido, concordamos com Werther Holzer ao dizer que o lugar é o aporte fenomenológico apropriado pelos geógrafos humanistas, ou seja, segundo ele, lugar é o que trata da experiência intersubjetiva de espaço e mundo em seus fundamentos, quais sejam, distância e direções a serem vencidas, fisicamente ou na imaginação, sobre um determinado suporte que ele o chamar de "espaço geográfico", constituindo-se a partir das vivências cotidianas como um centro de significados, como um intervalo, onde se experimenta intensamente o que pode ser denominado de geograficidade.

A relação existente entre o ribeirinho e a mata é uma demonstração secular de que é possível viver sem destruir ou matar. O entrelaçamento entre o homem e a terra que era para ser de uma comunhão ao bem viver, transformou-se numa marcha fúnebre hostil e odiosa, levando espaço e mundo a um verdadeiro infortúnio e a extinção do lugar. Ainda sobre a geograficidade, Werther Holzer nos informa que a geograficidade trata do conteúdo existencial do homem com o espaço terrestre e, na medida em que o homem se apropria desse espaço, ele se torna mundo, a partir da fixação das distâncias e das direções, onde os marcos referenciais são o corpo e a matéria onde ele se apoia, um espaço primitivo que, uma vez apropriado pelo homem, se torna lugar.

O lugar como fruto da ação do homem na terra de forma consciente e humanizada, nos levou a crer que esta relação existencial poderia sobreviver de forma douradora como fora historicamente comprovada entre o ribeirinho e o seu espaço de ação, inclusive com a preservação de seus artesanais instrumentos de trabalho continuando sendo úteis a vida, mas a ascensão triunfante e avassaladora da tecnologia reinante nos mostrou ao contrário.

Conforme nos relata Lígia Saramago, a ocupação humana do trabalho leva, portanto, às configurações de regiões e lugares do entorno do mundo, bem como à sua rede de encontro, basicamente ao tornar presentes para nós aquilo que está ao alcance direto das mãos: as coisas, instrumentos e utensílios que nos cercam cotidianamente.

Algumas coletividades originárias e tradicionais da Amazônia continuam resistindo aos impactos degradantes do mundo globalizado. Mas essas singularidades e pluralidades sócio – linguísticas – culturais, emergidas do ser do homem ribeirinho, continuam também tendo as suas relações com a natureza cruelmente dilaceradas.

A sociedade envolvente continua sendo depreciadora da cultura através de concepções reacionárias estigmatizadoras, a linguagem popular de súplicas continua sofrendo estereótipos, e os saberes e fazeres tradicionais continuam sendo afugentados. Se as novas gerações não estancarem o ecocídio, certamente, as futuras gerações não lembrarão do sentimento ontológico do lugar ribeirinho.

# A PESQUISA PARTICIPANTE DE VIVÊNCIA - PARTE I

Para os pesquisadores Carlos Brandão e Danilo Streck, a pesquisa é participante porque, como uma alternativa solidária de criação de conhecimento social, ela se inscreve e participa de processos relevantes de uma ação social transformadora de vocação popular e emancipatória. Organização, participação, intervenção, neste caso específico, só se tornou possível em virtude da vivência, caso contrário, poderíamos ter fraquejados ainda no meio do caminho. Segundo Pedro Demo, a vantagem da pesquisa participativa é trabalhar com conjunção desafiadora de conhecimento e participação, talvez a potencialidade mais decisiva do ser humano. Saber pensar e intervir juntos é grande desafio da hora e do futuro. Já que, quer queiramos ou não, o planeta é nossa morada coletiva e o bem comum precisa prevalecer.

A pesquisa precisa ser inserida numa dinâmica que possibilite a produção conjunta de conhecimento entre pesquisador e pesquisados. Esta dinâmica fortalecerá as bases da luta de uma coletividade pela conquista de seus direitos. Os desafios nos conduzem a uma ação dialética capaz de transformar uma situação vigente horripilante. Brandão e Streck relatam que a pesquisa participante deve ser pensada como um momento dinâmico de um processo de ação social popular.

Os mesmos autores esclarecem que as questões e os desafios surgidos ao longo de ações sociais definem a necessidade e o estilo de procedimentos de pesquisa participante. O processo e os resultados de uma pesquisa interferem nas práticas sociais e, de novo, seu curso levanta a necessidade e o momento da realização de novas investigações participativas.

Carlos Brandão e Danilo Streck, enfatizam que a pesquisa participante deve ser praticada como um ato político claro e assumido. Não existe neutralidade científica em pesquisa alguma e, menos ainda, em investigações vinculadas a projetos de ação social.

Projetos de ações sociais, devem, portanto, impregnar-se à causa de comunidades excludentes, procurando em suas temporalidades e espacialidades, conhecer cada vez mais o ser dos entes, e desta forma, o pesquisador também, vai se descobrindo com suas ações, e passando a construir o seu ser. Um ser que ao mesmo tempo, vai também, sendo conhecido por outros entes.

Para os pesquisadores Luís Gabarrón e Hernandez Landa, nós devemos estar no mundo e com o mundo, como um ato de entrelaçamento indissolúvel que seja capaz de contribuir decisivamente no advento da dignidade. Segundo os mesmos autores, a pesquisa participante entranha a participação plena e ativa da comunidade na totalidade do processo investigador, abarcando toda uma variedade de grupos sem poder: explorados, oprimidos e marginalizados.

A pesquisa participante, além de promover relevantes experiências na vivência com as populações originárias e tradicionais da Amazônia, torna-se algo muito prazeroso, nos

trazendo novos episódios na cotidianidade da investigação, e nos contemplando, inclusive, com um espaço vivido onde os mundos material e imaterial se fundem nas apropriações de narrativas mitológicas que brotam entrelaçadas às ações do mundo real.

Mas a vivência numa pesquisa participante, caracteriza o investigador de todas as suas formas. Proporciona na plenitude da vida os sabores e os dissabores. A vivência nos ajuda a construir e reconstruir os valores do ser, e aprender a suportar algumas passagens em caminhos que nunca cessam. Esta pesquisa, portanto, transforma-se numa rede de compartilhamento do ser dos entes. Na cotidianidade sustentada no espaço e tempo, ela torna-se ousada e dinâmica, visto que procura sempre chegar ao resultado esperado com a maior brevidade possível, mas sem, porém, sufocar os laços de vivência.

A atuação do investigador na pesquisa participante, envolve múltiplos detalhes que precisam ser conduzidos através de uma linguagem cidadã que procure ao máximo causar o entendimento e participação da comunidade pesquisada no contexto de apreensão do problema.

O pesquisador é o sujeito que está atrelado à sujeitos pesquisados, onde ambos se tornam atores da transformação. A vivência promove integração e cooperação, os atores constituem-se mergulhados nas conquistas das mesmas metas, onde ambos vivem unidos na mesma causa.

# A PESQUISA PARTICIPANTE DE VIVÊNCIA - PARTE II

A pesquisa participante como eixo central da metodologia, possibilita com maior precisão a inserção do pesquisador e sua relação com os atores sociais da pesquisa. Ela nasce de um entrelaçamento que envolve intimamente pesquisador e pesquisado, de forma que ambos se tornem sujeitos que visem transformar uma situação vigente. Para a psicóloga Maria Luiza Sandoval Schmidt, a pesquisa participante, neste cenário, representa um caminho ou uma via de aprofundamento desta renovação, pois, buscando o sentido da alteridade, predispõe-se à autorreflexão.

Através da pesquisa participante, é possível caminhar lado a lado com as coletividades, compartilhando os mesmos momentos e sentindo as mesmas dificuldades. Pedro Demo nos diz que a pesquisa participante não é somente possível, mas necessária para repormos a inter-relação dinâmica entre teoria e prática. *Neste sentido, o mesmo autor argumenta que* se for coerente, a pesquisa participante não fugirá de sempre retornar à teoria para se refazer. Segundo ele, recuperar o espírito crítico é condição de criatividade, evitando afogar-se no ativismo.

A vivência na pesquisa participante, oportuniza o pesquisador e pesquisados, tornarem-se atores de suas ações. O espaço vivido de coletividades tradicionais ou originárias, por exemplo, traz no seu bojo um legado de valores que nas suas autenticidades e alteridades, brotam significações e presentificações, em territorialidades onde o material e o imaterial se fundem para dar lugar ao imaginário mundo amazônico.

Para Carlos Brandão e Danilo Streck, uma situação vigente para ser transformada no âmbito de investigações acadêmicas, o ponto de origem da pesquisa participante deve estar situado em uma perspectiva da realidade social e tomada como uma totalidade em sua estrutura e em sua dinâmica. Os mesmos autores, acrescentam ainda que se deve partir da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações.

O pesquisador precisa estar sempre atento a todos os passos de sua investigação. É notório que o investigador que convive na cotidianidade dos pesquisados, cria-se um efeito natural de relacionamento intrínseco entre ambos. Porém, o pesquisador carece de ser dotado de uma consciência pautada na ética e ao mesmo tempo atentar a qualquer ato que se torne autoritário, manipulador e ofensivo à coletividade pesquisada, visto que, segundo Pedro Demo, existem, igualmente, sérias dificuldades metodológicas, desde a pretensão vã de se construir como única forma válida de pesquisa, até posturas meramente ativistas que banalizam não só a ideia de pesquisa, como também a ideia de participação.

Segundo nos informa o referido autor, a potencialidade disruptiva do conhecimento esteve sempre reservada aos privilegiados, sem falar que o acesso ao conhecimento sempre foi via áurea de ascensão social, substituindo, muitas vezes, até mesmo o poder do dinheiro. O mesmo autor ainda ressalta que a pesquisa participante coloca o dedo nesta

ferida. Ela abala o eurocentrismo fundado na superioridade do conhecimento, mostrando, primeiro, que a ciência contém, em suas entranhas, projetos de sociedade de poucos privilegiados e muitos deserdados e, segundo, que os marginalizados poderiam cultivar melhor sua autonomia, caso tivessem acesso mais adequado à qualidade formal e política do conhecimento.

A pesquisa participante nos instiga a saber pensar e agir e a entrelaçar-se aos sujeitos, ao tempo em que ambos tornar-se-iam atores da sua própria transformação. Esta pesquisa é vivência, não simplesmente por estar vivendo, mas uma vivência de ser no mundo e com o mundo. Para Martin Heidegger, faz-se necessário aqui, saber ouvir e ser capaz de aprender, em vez disso o que se poderá encontrar será apenas o funcionamento rotineiro do desconhecimento do assunto.

# A POÉTICA BRASIVIANA – PARTE I

A floresta brasiviana do rio Mamu carrega no seu bojo uma exuberante riqueza mítica, condicionada a um vasto campo de singularidades e pluralidades que impregnado aos modos de vida daquela comunidade ribeirinha da Amazônia pandina boliviana, adquire uma contemplação transcendental poetizante, capaz de estabelecer em sua dimensão espiritual, um inebriante equilíbrio entre o homem em seu estado criador e a natureza com sua grandeza simbólico – cosmogônica.

Este equilíbrio estetizante faz com que o espaço vivido amazônico seja metamorfoseado diante de um profundo entrelaçamento entre o ser do ente, e os seres divinizados da natureza que os alojam em sua cosmopolita vastidão.

Diante do exposto podemos dizer que os saberes e fazeres do homem ribeirinho estão intimamente ligados aos poderes mitológicos que ele criou no exercício de seus devaneios.

Os devaneios poéticos dos seringais
São valores de seres divinizados
No imaginário estão imortalizados
Em espíritos de forças transcendentais
São ações materiais e imateriais
Que refletem no seu espaço de ação.
O seringal é um constructo da imaginação
Na poética estetizante do simbólico
Na crendice deste poder mitológico
E na grandeza desta vasta dimensão

Segundo o escritor amazônico, João de Jesus Paes Loureiro, o homem ribeirinho produz beleza, é uma beleza que nasce nas brumas do sfumato de um devaneio que apaga os contornos entre o real e o imaginário, que atua como fator de poeticidade, incorporando o estético no contexto de seus fenômenos sociais.

A poética está intrinsicamente ligada ao real e ao imaginário. Dentre uma diversidade mitológica que preenchem os devaneios brasivianos, podemos aqui enumerar o exemplo de quatro mitos: o menino boto, o caboclinho da mata, o velho da canoa e a mãe da seringueira.

Para Paes Loureiro é possível que a contemplação devaneante seja uma das atitudes do caboclo, do homem amazônico, propiciadoras de um ethos próprio em sua cultura, gênese dessa teogonia do cotidiano que vai povoando de mitos, os rios e a floresta.

Desta forma, segundo o mesmo autor, esta convivência é dotada de um sentimento que influência o próprio comportamento do homem ribeirinho num povoamento de seres

com os quais os homens convivem sob a dominância de um sentimento estetizador que tece a teia dessa cultura como fator de coesão social e condicionador de comportamentos.

A floresta inefável é vida poetizante
O poder mítico organiza seu espaço
Terra e homens vivem um só entrelaço
Em um cenário ético contagiante
Neste vivido mundo exuberante
O seringueiro é um ente peculiar
Sonhar, recriar e vivenciar
São aspectos de sua Florestania
E na essência deste ser de cada dia
Vai surgindo o sentido de lugar

O mítico, desta forma, passa a fazer parte do ser do homem amazônico em sua essência, modelando seus fazeres e fortalecendo o sentido de pertencimento com a terra, através de uma poética que embeleza a identidade brasiviana.

# A POÉTICA BRASIVIANA – PARTE II

Os saberes brasivianos não se encontram ofuscados ou distanciados de sua floresta mitológica – cosmogônica, pois são aspectos que se fundem no seu espaço e tempo, confirmando que não há aversão entre os fazeres cotidianos e o mundo surreal. Ambos estão atrelados às experiências do vivido e entranhados à natureza inebriante do rio Mamu.

Ao homem amazônida cabe irradiar a floresta com seus saberes e fazeres, cabe luzir seu modo de vida, cabe contemplar o prodigioso, assim como cabe propiciar os valores de sua existência, combatendo o nefário mundo da sociedade envolvente.

O pesquisador e escritor João de Jesus Paes Loureiro nos diz que para o nativo da Amazônia, a contemplação é um estado de sua existência. O princípio e o fim de suas relações com a vida cotidiana e a raiz de suas peculiaridades de expressão. O mesmo autor nos diz ainda que tudo isso é uma contemplação que estabelece equilíbrio de limite e grandeza do homem com a natureza.

A floresta brasiviana do rio Mamu carrega em si um emaranhado de mistérios que são divinamente guardados no imaginário austero e estetizante de seus entes. Neste exímio cenário da natureza encantadora há uma fonte inesgotável de saberes espirituais e mitológicos que nos fascina com seus devaneios poetizantes.

Nos devaneios poetizantes de "A poética do espaço", Bachelard nos instiga a pensar sobre a imensidão íntima do ser impregnado ao seu envolto. A relação intrínseca do homem com a floresta é divinamente celebrada em sua imensidão. Durante esta imensidão, o autor busca na poética de Baudelaire, a afirmação de que o homem é um ser vasto. Esta vastidão profunda do ser, viaja na vastidão da floresta, tornando-se algo entranhado num devaneio mútuo e estetizante.

É no remar da vastidão das águas brasivianas que os enigmáticos seres mitológicos, contemplam prazerosamente a encantadora floresta noturna sob sons divinizados, e numa peculiar e imaculada reciprocidade, a natureza cósmica também o diviniza, celebrando seu nascimento como mais um supremo Deus à serviço de sua pertinaz proteção. É um Deus que em sua celestial existência tem os modos de vida internalizados pelas alegrias e lamúrias das comunidades ribeirinhas brasivianas do rio Mamu.

# A POÉTICA DO BATELÃO BRASIVIANO

O batelão sempre foi considerado um relevante marcador histórico-cultural da Amazônia Sul – Ocidental brasileira e boliviana. Essa tradicional embarcação tronou-se um essencial e indispensável meio de transporte durante os dois grandes ciclos de produção da borracha natural nos seringais amazônicos. Para o escritor e jurista Pedro Ranzi, o batelão é uma embarcação regional que serve para transportar pessoas, animais ou mercadorias; construído de madeira com motor de centro ou na popa (rabeta).

Importante ressaltar que o batelão durante os mencionados surtos de borracha foi grandemente utilizado como regatão. Para Pedro Ranzi, o regatão era uma espécie de comércio em que se vendia de tudo no interior do batelão. Segundo o mesmo autor, o regatão era ao mesmo tempo, casa, armazém e escritório que vivia subindo e descendo os rios amazônicos. Também chamado de regatão, o mercador, para Ranzi, adquiria os produtos bem mais baratos nas cidades e vendia aos seringueiros e ribeirinhos a preços considerados exorbitantes naquela época.

Nessa clarividente relação do homem com a natureza, o batelão surge como um complacente cordão umbilical que comtemplava esse relacionamento entre os ribeirinhos, a mata e as águas. Essa peculiar embarcação das tradicionais coletividades amazônicas continua resistindo na espacialidade da fronteira Brasil – Bolívia, sendo cotidianamente utilizada para o transporte de castanha, farinha, Açaí, Banana, Feijão e demais gêneros alimentícios entre os ribeirinhos dos seringais do Departamento de Pando com a Região da Ponta do Abunã no Estado de Rondônia.

O batelão é também um navegar devaneante de diálogo, interação e reflexão, onde brotam as mitológicas narrativas entre os navegantes ribeirinhos. São narrativas extremamente singulares dos seringais brasivianos, uma poética de um imaginário privilegiado, de uma memória coletiva transcendental, de uma relação ontológica da exaltação dos sentidos e de uma singular e plural encantaria florestal que alimenta a alma do povo beiradeiro.

Sobre a poética do imaginário amazônico, João de Jesus Paes Loureiro, nos esclarece que é uma poética que se revela não somente nas criações dos diversos campos da arte, mas que também estabelece a forma de uma ética da relação dos homens entre si, e com a natureza. Para Loureiro, é uma poética em ação que se instaura no cerne de uma cultura governada pela função estética do imaginário. Enquanto isso, Gaston Bachelard nos instiga a refletir, ao dizer que para entrar no âmbito do superlativo, é preciso trocar o positivo pelo imaginário, isto é, é preciso escutar os poetas.

O batelão não é marca dominante
O batelão não é marca dominada
O batelão é alma materializada

Simbolizada no leito vivificante.
Nas águas do rio poetizante
O batelão pertence a Florestania
O seu corpo navega em sincronia
Fascinando as veias míticas do rio
E a Mãe-d'água com seu canto seduziu
O navegante em estado de nostalgia.

A tristeza do navegante naquele dia
Transformou-se em grande felicidade
O navegante matou a sua saudade
Abraçando a Mãe-d'água com alegria
Na certeza de que ele a beijaria
A Mãe-d'água apaixonada lhe beija
O seu corpo, o corpo dele deseja
Um desejo de amor e sentimento
A natureza celebrou o casamento
E o batelão se transformou em igreja.

No estetizante e fabuloso rio, a viagem segue ornada de flores. O esplendor florescente brilha de forma divinal e colossal. A imensurável mata tem as suas suntuosas raízes, embelecidas pela corrente das águas. Enquanto a irradiante embarcação penteia maviosamente os cabelos da Mãe-d'água, se pode ouvir o seu eloquente cantar, ecoando mitologicamente sob a poética do batelão brasiviano.

# A TRANSCENDENTAL BEIRA DO RIO

Nos devaneios poéticos da imaginação, o homem celebra entranhado à natureza a sua divinizante exaltação dos sentidos. De forma desmesurada ele medita nas suas peculiaridades estetizantes para apropriar-se ontologicamente das encantarias florestais e da exuberância cósmica que o fascina.

Nessa relação plurissignificante da existência humana com os seus transcendentais modos de vida há uma vivência indissociável da memória coletiva com o sustentáculo espiritual do lugar. Família, casa, mata, terra, rio e mito, constituem um conjunto deslumbrante de valores singulares e plurais que alimenta o ser de pertencimento e enraizamento com o espaço de ação e com o mundo ancestral e cosmogônico imbricado simbolicamente ao tempo.

Esse espaço de ação originalmente beiradeiro ensina a humanidade a caminhar livremente sem estereótipos ou estigmatizações, e sendo empaticamente tolerante às diferentes diferenças. O beiradeiro nos conduz a viver com benevolência e comiseração, a ser impoluto e virtuoso, e a sorrir generosamente, com respeito, honradez e maviosidade com os nossos semelhantes.

O lar ribeirinho nos faz pensar no outro, nos faz caminhar relutante, sem insolência ou execração, nos faz sentir a magnitude heterotópica da vida, e nos faz acreditar no imensurável e estetizante advento do bem viver nas casas mátrias da humanidade.

Para Gaston Bachelard “a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo”, enquanto para Otto Bollnow, “a casa segue sendo, um significado profundo, um território inviolável da paz”.

Desta forma podemos dizer que a casa amazônica ribeirinha, ela é inseparável da água, da mata, da vida e do universo cosmogônico planetário. Da casa ribeirinha brotam os mitos, os mitos preenchem o espírito, o espírito eleva-se à alma, e a alma na sua profunda estesia, faz o homem devanear-se na transcendental beira do rio.

# ALGEMAS DA IMAGINAÇÃO

O segregacionismo e alijamento das culturas milenares, a abnegação afrontosa de territórios originários e tradicionais da floresta amazônica, e a extirpação e execração de seus direitos constitucionais, continuam sendo as armas reguladoras horripilantes e abusivas da sociedade espoliadora envolvente.

A defraudação delituosa e delinquente do homem, a degradação desestabilizadora da derrocada humana e o descalabro social vigente, são colunas beligerantes e hediondas que sustentam a devassidão exacerbada da vida.

O embuste ardiloso da empáfia, o escárnio estapafúrdio da negligência e o esfacelamento inescrupuloso da cotidianidade mundana, são aspectos da abominação e do ódio profundo que de maneira impetuosa e fútil, resulta na hostilização ignóbil do bem viver.

A visão estereotipada de tudo, a ilicitude que entranha e esfacela os originais e tradicionais modos de vida, o imbróglio que enclausura a realidade, e o incauto improcedente da improbidade administrativa, violam de forma indubitável a inefável e imaculada alma humana divinal.

A incúria indelével da indigência, a inépcia de políticas públicas sem transparência, e o infortúnio da dor da vida das coletividades amazônicas, são apenas alguns exemplos reais que enrijecem e engendram as algemas malevolentes da imaginação.

# AS ALMAS DOS REBENTOS FLORESTAIS – PARTE I

O rebento humano é a marca da sobrevivência e o axioma do pertencimento de lugar. O ente ao apropriar-se do seu primeiro mundo estará internalizando os seus fazeres cotidianos e apreendendo ao seu ser, o peculiar e imaculado estágio de enraizamento e pertencimento do singular e plural espaço de ação.

O discurso da estereotopia insiste em ceifar a vida do rebento, em desalojar a sua alma e asfixiá-lo na delituosa rede dos crimes contra a vida e contra a destruição do seu habitat natural.

O poder bélico destrói o sagrado lar, enquanto os autênticos guardiães da mata, quando conseguem sobreviver, são encurralados às margens da sociedade e transformados em míseros famintos da cidade grande.

O rebento perde a sua beleza estética, realiza uma viagem simbólica ao imaginário do lugar e não consegue encontrar uma resposta que elucide o que o fez ficar sem mata e sem pão. Condenado a fúria da hostilização desumana, ele tropeça nos degraus da vida e tomba desenfreado rumo a rua das covas.

O seringal ruiu despossuído, a coletividade foi segregada, o lugar tornou-se esmaecido, os saberes e fazeres foram escamoteados nos bastidores dos interesses econômicos, enquanto as políticas públicas da invisibilidade continuam desalojando as almas dos rebentos florestais.

# AS ALMAS DOS REBENTOS FLORESTAIS – PARTE II

Na fazenda existe um cemitério. No cemitério não há cruzes, catacumbas, orações ou velas, no cemitério há apenas um buraco de aproximadamente um século de existência, lamento e penúria.

O cemitério Sul – remanso de gentílico labrense é o código da inoperância da pesquisa científica nacional, e a problemática que abriu caminhos para novas descobertas, tornou-se fútil diante da fragilidade e esmaecimento do ato ontológico de investigar.

Os protagonistas vivem entranhados à terra, o poder hegemônico aviltante não ceifou a magnitude do imaginário coletivo, e as formas simbólicas e ancestro – cosmogônicas do espaço vivido continuam presentes nas narrativas dos povos originários da Amazônia – Sul – Ocidental brasileira.

Os demarcadores do ódio promoveram um hostil etnocídio que se estendeu até a fronteira do Abunawaka, um lugar sagrado de Tsurá, onde o mapupahu vivia sempre cheio de mel.

Se os códigos do ódio e da impunidade resistem, se os códigos dos estereótipos e estigmatizações prevalecem, os códigos da investigação científica não devem silenciar-se diante do secular pedido de justiça das almas dos rebentos florestais.

# AS FLORES ENCLAUSURADAS

Entranhada à essência divinizante da terra, a família em devaneio viaja de forma fascinante na dimensão social da vida e no imaginário privilegiado de sua substância ontológica transcendental.

Nessa celebração e exaltação dos sentidos, o lar de fecundíssimo útero divinal, apropria-se de suas peculiaridades estetizantes para poder caminhar livremente, e na viscosidade de sua exuberância cósmica, conseguir com virtuosidade, conquistar a hombridade e a honrosa manifestação de viver com dignidade.

Mas o aprazível e harmonioso lar na sua briosa generosidade, precisa enfrentar o aviltamento opróbrio do mundo, no intuito de evitar a sua própria derrocada. Dessa forma, o relutante e prodigioso lar, segue de forma impoluta e obstinada, lutando contra o dilaceramento dos laços familiares e contra a escabrosidade alcantilada da marginalização social excludente.

No soberbo dissabor da agrura humana, a família é afrontosamente afugentada do bem-estar social. Os seus modos de vida são de forma aversa ceifados, a exuberância cósmica da alma é arrebatada pelo ódio, e a memória coletiva cosmogônica é arbitrariamente cessada pelo descalabro do desregramento público aterrorizante.

O útero da terra mãe brotou o mais inefável jardim. O jardim não fora irrigado de forma justa e benevolente pela humanidade, enquanto isso a mesma terra que o criou, acabou matando e comendo as suas flores enclausuradas.

# AS LIÇÕES ONTOLÓGICAS DO SER

A fabulosa leitura nos causa fascinação, o seu deslumbramento estetizante floresce o nosso imaginário, enquanto a sua colossal viagem transcendental nos faz conhecer um mundo brioso e sem mácula.

A imensurável leitura na sua impoluta suntuosidade, é complacente com a vida, é benévola com o leitor e devaneante com o ser. A sua contemplação reluz a mente, nos oferece a inenarrável volúpia do prazer dos sentidos, e nos coloca diante da prodigiosa vontade de vencer.

A encantadora leitura apropria-se do nosso espírito, aloja-se divinalmente na nossa alma e exalta de forma vivificante a iniludível grandeza de poder sonhar sonhos impossíveis.

A inebriante leitura revivifica a vida, imbrica-se notavelmente com o lugar, transforma dinamicamente o espaço e tempo, e na sua resplandecente magnitude, corre encantadora e desmesurada para abraçar sorrindo as encantarias presentes no imaculado sentimento de uma criança em devaneios.

A exuberante leitura na sua viscosidade e empatia, nos ensina a encontrar os caminhos benevolentes da tolerância, da brandura e do respeito às diferentes diferenças entronizadas no colo da humanidade.

A axiológica leitura encanta a sala de aula, e nesse diferenciado espaço de ensino-aprendizagem, o mundo infantil alça voo em asas de inegável talento, como que se despedindo do presente e abrindo os caminhos do futuro, pudesse enfim, entonar com vigor o tão sonhado grito de vitória.

O pertencimento de leitura cria um simbólico enraizamento entre escola e família, sobrevive entranhada na alma da coletividade, liberta a mente de estereótipos e estigmatizações, e constitui o mais heterotópico mundo das lições ontológicas do ser.

# DELITUOSO FOGO

Em estado de belicosidade e execração, o fogo causticante avança desenfreado, culminando na eclosão criminosa do ecocídio planetário. O ecoequilíbrio esmaeceu absorto pelas chamas abrasadoras e beligerantes, enquanto a fabulosa e briosa mata é tenebrosamente ceifada pelo desdém da derrocada humana.

O som cacófato do fogo em sua insídia criminosa, ecoa desenfreado sob as ordens da perniciosidade insolente da degradação moral, do opróbrio da fauna e da flora e do espírito belicoso de quem mata por prazer.

A tecnocracia tácita e vulnerável se mostra tacanha diante da perspicácia de má índole, da ganância macabra e do labéu da sociedade esdrúxula envolvente. Nesta lutulência insidiosa que ceifa o homem e a terra, a inocuidade tecnocrata se apresenta cada vez mais condenada a inépcia e ineficácia em combater os velórios florestais.

A mata inefável e inebriante tomba gemendo aos pés da incúria, do incauto, do impropério e da improbidade cruel e horripilante. A generosidade de poucos é exaurida pela estúrdia de muitos, enquanto a vivacidade planetária agoniza no colo brioso e estetizante da mãe natureza.

O homem probo, íntegro e virtuoso, em sua autêntica heterotopia humana, é cotidianamente ameaçado e desterrado pelo homem espúrio, usurpador e sem escrúpulo.

Neste embate entre a empáfia e a devassidão, é preciso lutarmos contra a degradação da vida, a espoliação da mata, o desregramento do poder público e a extinção do delituoso fogo.

# DEVANEIOS ONTOLÓGICOS DA IMAGINAÇÃO

A harmoniosa e embelecida mata em sua estetizante e fabulosa fascinação é o deslumbramento esplendor do lugar originalmente ribeirinho.

A família ribeirinha em sua colossal generosidade, aproxima-se de forma imensurável do pai da mata, que lhe pede impoluta proteção no intuito de poder sobreviver. Por sua vez, o pai da mata na sua briosa benevolência, responde com virtuosidade e faz com que a mata prodigiosa, alimente com magnitude e sabedoria os filhos seus.

No poder transce4ndental de suas encantarias mitológicas, o pai da mata surge de forma simbólica, diante de um olhar estético ribeirinho na organização ontológica do seu espaço de ação.

Na celebração mítica deste ser regulador da vivência amazônica, há um harmonioso entrelaçamento entre os mundos material e imaterial que se entranham na viscosidade cosmogônica da floresta com as coletividades tradicionais da singular e plural Amazônia brasileira.

No imaginário privilegiado da exaltação dos sentidos, não há uma dilaceração das relações entre o homem, o ser mítico e a floresta. Nesta relação devaneante e divinizada da vida, há uma substância ontológica que preenche o ser, e no espaço e tempo, esta apropriação, é cotidianamente metamorfoseada através de uma síntese poético – mitológica que leva às coletividades ribeirinhas a apreensão consciente do bem viver.

Em suma, o mundo atual globalizante asfixia o homem e a terra, desterritorializa uma coletividade tradicional do seu lugar original, anuncia o desalojamento de almas, arruína o sentimento e o pertencimento dos seus modos de vida, desconhece a resiliência, o enfrentamento e o empoderamento ribeirinho, fragmenta o ecoequilíbrio, e enfim, em extermina do ser, o que resta dos devaneios ontológicos da imaginação.

# DINAMITE E PÓ DE BRITA

O embelecido povo ribeirinho, tradicionalmente entrelaçado à harmonia estetizante da natureza, de repente viu o esplendor colossal de seu mundo, render-se de forma exacerbada ao embuste ardiloso da mentira.

A liberdade de ir e vir às margens do rio Abunã foi contenciosamente barrado pela incúria e desmazelo da ignávia humana. Impedido de comtemplar e devanear-se nas águas desse suntuoso rio, o povo beiradeiro, continua assim sendo, apenas no inefável mundo do seu rico imaginário.

A antiga estrada de seringa e o antigo varadouro que ligava os seringais Mocambo e Pequiá – dentre outros – aos seringais bolivianos do Departamento de Pando, agora transformou-se num espaço turbulento, claudicante, desluzido e tenebrosamente segregado pelos efeitos reais de um mundo globalizado.

O avanço desenfreado desse mundo hostil, tacanho e pérfido, desconhece profundamente os valores tradicionais da alma ribeirinha; uma alma que insiste em sonhar com o radiante barulho do remo como que penteando os mitológicos cabelos da Mãe-d'água, mas que infelizmente, agora são execradamente penteados pela perversidade humana.

A velha colocação transformou-se em infortúnio, pedra, portão e mácula, enquanto os tradicionais fazeres do povo ribeirinho foram tenebrosamente asfixiados pelo estrondo da dinamite e pela sobremesa doentia do pó de brita.

# ENCONTRO DAS ÁGUAS

Depois de percorridos aproximadamente 195 km da sua nascente, o rio Abunã receberá as águas escuras de mais um importante afluente: o rio Mamu. O encontro dessas águas e o encantamento da floresta banhada por onde se estende as águas do Mamu, carregam no seu bojo uma notável história de colonização ocorrida durante os dois grandes ciclos da borracha da Amazônia e que de forma brilhante resiste até hoje aos avanços avassaladores da era da globalização, preservando uma rica biodiversidade existente nos seringais nativos da região pandina boliviana.

O rio Mamu é um dos mais belos afluentes do rio Abunã e preserva uma riqueza histórica ainda pouco conhecida no cenário binacional Brasil-Bolívia. A presença do homem seringueiro nos seringais do rio Mamu tem, portanto, um longo percurso histórico de luta e sobrevivência que demonstra importante relação entre o homem e a natureza e sua relevante posição fisiográfica e humana no heterogêneo mundo amazônico.

A floresta brasiviana tem no encontro dessas águas uma importante marca que contribui na formação identitária dos homens seringueiros. A floresta possui um majestoso espaço cosmogônico munido de presentificações e representações simbólicas edificadas pelo imaginário humano ribeirinho.

A foz do rio Mamu brilha diante de um magnífico encontro de águas que brincam com suas cores liquidas. Águas amareladas e negras se encontram, se misturam, se abraçam e constituem uma tonalidade negro amarelada que provoca e promove o surgimento peculiar, prazeroso e sublime de um momento majestoso da natureza na fronteira Brasil/Bolívia.

As cores que brotam deste encontro maravilhoso de águas são também observadas em silêncio pela cor verdejante da deslumbrante mata de suas margens. Após o encontro das águas, as águas do rio Mamu mudam de cor e tornam-se mais claras num tom quase azul-verdejante.

As águas na sua estetizante e colossal benevolência nos ensinam a tolerar as diferentes diferenças, a conviver com generosidade e complacência e a sonhar nessa inenarrável volúpia da natureza fronteiriça com um mundo mais justo para todos.

# ESCOLA, ARTE E PRECONCEITO

Benedito Nunes chama-nos a seguinte atenção: "*A Arte é uma forma de ação, cujos efeitos se produzem de maneira indireta, oblíqua, na proporção da transparência do mundo que exprime. Revelando-nos o humano em sua realidade e profundeza, forçando-nos a interiorizar essa revelação e assimilá-la à experiência, ela age sobre a nossa maneira de sentir e de pensar*".

Continuando a observar e instigar a realidade a que estão submetidos, os estudantes partem do princípio de que somente através de uma educação de qualidade é possível transformar a situação vigente, desde que essa transformação seja conduzida por agentes visionários que pleiteiam o bem-estar social de todos.

Sendo assim, esses jovens marcham como verdadeiros sujeitos históricos que agindo de forma crítica e consciente, e dotados de uma visão holística de mundo, serão capazes de construírem e reconstruírem uma sociedade menos perversa e mais justa em seus direitos e garantias fundamentais.

É marchando na luta que se transforma a história, e sendo a escola o espaço que congrega as diferentes diferenças, não há espaço para a adoção do autoritarismo, mas há espaço para um convívio democrático entre alunos, professores e comunidade escolar, rumo a um mundo melhor.

Paulo Freire esclarece que "*nem a arrogância é sinal de competência nem a competência é causa de arrogância. Não nego a competência, por outro lado, de certos arrogantes, mas lamento neles a ausência de simplicidade que, não diminuindo em nada seu saber, os faria gente melhor. Gente mais gente*".

Enquanto isso, Neidson Rodrigues alerta que "*o cidadão crítico não é apenas aquele que é capaz de fazer a crítica da consciência. Ele tem que dominar, necessariamente, o conhecimento daquilo que vai criticar*".

Dessa forma podemos dizer que a escola não é lugar de balbúrdia e bravateamentos, mas um generoso lugar de inclinação para o bem e para os relevantes processos de ensino e de aprendizagem.

A arte na escola nos revela o exercício pleno de cidadania, dispensando qualquer som cacófato que venha pregar o infortúnio do preconceito, estereótipos e estigmatizações, em desfavor da tolerância e da liberdade de expressão.

Em nossas escolas devemos acolher com amor, tolerância e respeito, estudantes oriundos de várias regiões do país, de países vizinhos, de terras indígenas, de terras quilombolas, e demais povos que chegam a escola para enriquecer os valores sócio – linguístico – culturais através de uma gestão escolar que possua uma visão holística de mundo.

A arte na escola se entrelaça ao bem viver e a qualidade de ensino, almejando sepultar o preconceito e o sentimento de tristeza e frustração. No espaço escolar não há

lugar para o desprezo e arrogância, não há lugar para a insolência e enclausuramento, não há lugar para o engodo e escárnio, não há lugar para a xenofobia malevolente, mas há sim, lugar para a fenomenologia do bem viver, para um currículo intermulticultural e para uma axiológica pedagogia do amor.

# FÉ E DEVOÇÃO À IMACULADA MÃE-DA-SERINGUEIRA

A seringueira tem mãe. Segundo os seringueiros, todos os passos que eles fazem na estrada de seringa, ela se põe a observar. Nenhum seringueiro poderá aprofundar o caule da árvore com a sua faca de seringa para que ela não morra e sob pena de sofrer penalidades da Mãe-da-seringueira.

Os seringueiros nos dizem que a Mãe-da-seringueira não perdoa, e pode deixar o seringueiro sem extrair o látex, e conforme for a sua ousadia, ele terá que se mudar para outra colocação como castigo recebido. Mas ela também sabe perdoar, desde que o seringueiro se arrependa e faça um compromisso ou promessa no sentido de preservar as suas filhas seringueiras.

A mitologia dos seringais é parte indissociável do ser dos entes seringueiros, ela está presente na cotidianidade das colocações, na organização das espacialidades e em suas representações simbólicas.

Na estetizante e fabulosa mata amazônica há uma deslumbrante fascinação do colossal esplendor entre o homem e a natureza fulgente. No imensurável seringal e na suntuosa estrada de seringa, o seringueiro contemplava sem mácula a complacente e benévola Mãe-da-seringueira como forma divinizante de agradecimento e adoração pelo dadivoso pão de cada dia.

No irruptivo cotidiano dos seus modos de vida, o auspicioso seringueiro sempre prezou pela fé e exaltação à encantadora e prodigiosa Mãe-da-seringueira. Esse sentimento de pertencimento ancestro – cosmogônico era ontologicamente celebrado pelo homem ribeirinho aos pés da divinal e milagrosa árvore mãe seringueira.

Ao redor do tronco da simbólica árvore eram deixadas uma diversidade de oferendas iluminadas à luz de velas, e nessa sagrada mito-ritualística poetizante, o seringueiro saía dali com a divinal certeza de que a sua produção de látex aumentaria milagrosamente.

Entranhado nesse imaginário privilegiado da natureza estetizante e imbricado nessa desmesurada exaltação dos sentidos, essa encantatória relação de exuberância cósmica entre o homem e a terra, nos remete à beleza de um sublime sustentáculo espiritual que também nos leva a um encontro de pureza da percepção entre o ente seringueiro e a sua inebriante substância ontológica de fé e devoção à imaculada Mãe-da-seringueira.

# FUGINDO DAS TREVAS

Um lugar embelecido e estesiante aloja seus povos milenares no útero da terra mãe. Era um lugar fascinante e harmonioso, e o seu deslumbrante esplendor, alimentava os seus filhos com uma generosidade impoluta, complacente e imensurável da vida em comunhão.

Coletividades pujantes, devaneadoras e transcendentais, reluziam radiantes e com obstinação, uma inenarrável volúpia, de uma cotidianidade original e prodigiosa voltada para uma ação cosmopolita, benévola e divinal.

Sob a proteção dadivosa dos deuses míticos e de suas encantarias florestais, os povos da mata virgem, vivificavam de forma inebriante a viscosidade da terra, entrelaçando o seu cordão umbilical a natureza, numa exaltação iniludível dos sentidos ontológicos da existência humana.

Este enleamento estetizante do homem com o bem viver, em sua desmesurada magnitude, e entronizado pela beleza mitológica de seus modos de vida originais, não perdia a sua maviosidade simbólica – cosmogônica, e suas presentificações e representações, retratadas através de uma visão holística de mundo.

O pertencimento, o sentimento e o enraizamento sócio-linguístico-cultural não se apagavam, o empoderamento mito-ritualístico não esmaecia, enquanto as suas imaculadas e estetizantes tradições, se fortaleciam num entranhamento material e imaterial de um imaginário coletivo privilegiado.

Travessias oceânicas tradicionais trouxeram vidas e coletividades originais para embelecer a mata e a terra, enquanto outras travessias criminosas de poderosas navegações europeizadas, trouxeram desgraça, escabrosidade e infortúnio ao bem viver.

No espaço e tempo o lugar transformou-se em repulsa e abominação, as relações com a natureza foram cruelmente afugentadas, os modos de vida sofreram abrutamento, as vozes da floresta foram caladas, o bem viver foi arruinado pela arrogância, enquanto a avidez humana e aviltante, chegou, enfim, ao seu lamentável apogeu.

O etnocídio avançou desenfreado, coletividades inteiras foram arrebatadas pelo rancor, e a fé de outro mundo, batizou o descalabro e o extermínio de vidas que ainda insiste em não cessar.

A valentia dos povos indígenas é o heroico mote da resistência, o ódio e a empáfia não conseguiram fazê-los desaparecer como um todo, a semente da vida voltou a germinar, as suas forças não foram extenuadas para sempre, a estesia deixou de ser escamoteada, os seus passos foram revivificados, e uma nova caminhada anuncia que eles estão fugindo das trevas.

# LÁGRIMAS DE GIZ

No silêncio da floresta esquecida, entranhada na fronteira do Noroeste boliviano, as suas populações tradicionais sobrevivem à revelia de políticas públicas inclusivas que as reconheçam como coletividades históricas daquele país, e as tirem do apagamento humano e da segregante e combalida invisibilidade social.

No limiar da primeira década do século XXI, a comunidade de Puerto Bolivar – localizada no Município de Santos Mercado, Departamento de Pando – se organiza para criar a tão almejada escola daquele povoado: a Escola 1º de Mayo. A unidade de ensino foi erguida através de mutirão e liderada pela presidente da associação de castanheiros, a senhora Jesusa. O secretário da escola, Angel, coordenou os trabalhos de construção de bancos e mesas escolares, enquanto a Professora Gabriela, carinhosamente confeccionava o seu especial e marcante quadro de madeira.

Gabriela destacou-se por se dedicar com exclusividade ao ensino das crianças. As primeiras letras foram escritas por ela à base de carvão, até que chegassem as suas caixas de giz. Em sala de aula, logo a professora percebeu que naquela escola multianual também havia estudantes brasileiros, e solicitou aos pais das crianças que a levassem até o distrito de Extrema – Rondônia – Brasil, para que ela pudesse conseguir alguns exemplares de livros do 1º ao 5º ano, editados em língua portuguesa. Ela conseguiu e retornou feliz a Escola 1º de Mayo.

Gabriela jamais negou uma lição aos alunos brasileiros e sempre tratou a todos com muito respeito, brandura e tolerância às diferentes diferenças. Anos depois a escola foi oficialmente reconhecida pelo governo boliviano. No decorrer da década de 2010, Gabriela continuava atuando bravamente na relevante arte de ensinar, mas as suas forças sofreram um forte abalo, quando os seus principais apoiadores – Jesusa e Angel – adoeceram e partiram para outra dimensão da vida.

Gabriela continuou resistindo, mas infelizmente, também adoeceu e planejou ir em busca de tratamento médico em Riberalta no Departamento de Beni. Ela sabia que dificilmente retornaria e despediu-se da comunidade, da escola e de seus alunos. No peculiar quadro escolar, ela deu o seu último abraço. Gabriela entrou na embarcação e visivelmente esmaecida, derramou as suas derradeiras e pesarosas lagrimas de giz.

# MARCADORES ESTÉTICOCORPORAIS E MARCADORES INSTRUMENTAIS DO SERINGUEIRO

Sobre os marcadores estéticocorporais, o reconhecido geógrafo rondoniense Almeida Silva, define que são aqueles que tem relação direta com o indígena, representam a própria identidade cultural que carrega no corpo e no espírito, e revela a relação íntima com a espiritualidade, com a natureza e consigo mesmo.

Nesse sentido, e procurando demonstrar a relevância desses marcadores no contexto dessas coletividades, o mesmo autor cita como exemplo: "*as pinturas para a guerra ou na celebração de rituais (...), colares, pulseiras, a disposição do corte de cabelo, que são expressões claras do pertencimento cultural*". Ele esclarece ainda que esses marcadores "*ficam evidenciados e presentificados de maneira especial em manifestações ritualísticas – cruzes, crucifixos, entre outros – e festas religiosas. Como exemplo, situamos os casos dos exotéricos e culturas africanas e hindus*".

Nas populações tradicionais dos seringais, em vez de marcadores "estéticocorporais", denominamos aqui de "marcadores instrumentais" de trabalho do seringueiro, que sempre fizeram parte da cotidianidade dos seringais e de suas colocações. Vários utensílios pessoais de trabalho, utilizados principalmente nas atividades de extração do látex, constituíram – se como importantes aspectos desses marcadores.

Como exemplo, citamos aqui, alguns utensílios que o seringueiro utilizava em seu corpo para realizar esse processo de extração, tais como: a faca de seringa (uma lâmina estreita de aço, com uma das extremidades afiada e curvada e a outra com um pequeno gancho que se encaixa na cabrita) e a cabrita (lâmina de aço com uma extremidade curvada para encaixar a faca de seringa e a outra presa a um cabo de madeira com aproximadamente 30 cm de comprimento).

O sapato de seringa, era também, outro importante marcador instrumental utilizado diariamente pelo seringueiro, desde a extração e colha do látex na estrada de seringa, até a defumação da borracha no buião, instalado no tapiri, enquanto a poronga é uma lamparina com armação para encaixar na cabeça do seringueiro, de fabricação artesanal e feita de flandre.

Da caatinga ao seringal, eles resistiram de forma imensurável, e nesta volúpia e virtuosidade humana, os filhos e filhas dos seringais amazônicos, construíram e reconstruíram os seus dadivosos modos de vida, enquanto os seus remanescentes, continuam lutando pela conquista de um mundo mais justo e tolerante: viver com dignidade.

# O ANJO DA VILA LITIGANTE

Às margens de um caudaloso rio amazônico, uma família de pescadores procura sair do infortúnio e ir de encontro ao um lugar onde pudesse se deparar com a comiseração, compaixão e piedade. O pescador atraca o seu barco no Porto Abunawaka, coloca os poucos pertences num saco de encauchado e caminha em estado esmaecido por um antigo varadouro de seringa em busca de um vilarejo onde pudesse trabalhar e tratar da saúde familiar visivelmente debilitada.

Mais adiante – e exausta face a árdua caminhada iniciada numa madrugada fria – a família finalmente chega ao anoitecer num pequeno vilarejo denominado Nova Jerusalém. No vilarejo encontra guarida num antigo tapiri, onde posteriormente conheceu um velho seringueiro que tratou da saúde da família à base de ervas medicinais que o mesmo cultivava no quintal de casa. Juntamente com esse seringueiro, a família de pescadores, em regime de mutirão, dera início à construção do primeiro posto de saúde daquela comunidade.

No espaço e tempo, a família foi construindo o dadivoso pertencimento de lugar, e num futuro próximo, a felicidade aumenta, quando esta tem a oportunidade de matricular o filho único para estudar numa escolinha de madeira, coberta de palha e com assoalho de paxiúba.

Pouco tempo depois a escolinha em forma de tapiri adquire um novo formato: seis salas de aula em alvenaria, dois banheiros e uma cozinha; o suficiente para que aquelas crianças pudessem ter um dia, o direito de sonhar com um futuro melhor.

Mas o amor pela escola e a generosidade do lugar, esbarra de forma delituosa na delinquência de um passageiro da rua. Na devassidão da alma, esse homem atrai a criança com algumas guloseimas, durante o trajeto da saída da escola até o caminho de casa, e a conduz à tenebrosidade de um casebre abandonado.

Na insolência de um engodo esdrúxulo, o passageiro da estúrdia ceifa cruelmente a vida e os sonhos da criança em agonia. A vivacidade e exuberância do lar sagrado são extirpadas pela execração humana, enquanto a comunidade em comoção corre em busca de encontrar o corpo da criança.

O corpo do pequeno estudante fora encontrado no fundo de um poço do casebre abandonado. A família enlutada perde as forças diante de um crime cruel e horripilante, enquanto isso, os membros da comunidade se unem na perseguição do delinquente.

O passageiro do crime é encontrado e levado a uma pequena cadeia do vilarejo, mas a comunidade revoltada não se contenta, invade a cadeia, e em seguida arranca a grade de ferro, arrasta o detento até a rua e o apedrejam até a morte.

No impropério do mundo, o céu escuro e inóspito, mais parece um lugar insurgente e insidioso diante de tanta malevolência terrena. Mas o céu lutulento no seu gemido profundo, repentinamente se transforma em algo inefável da vida sobrenatural, e um raio violento rasga as nuvens arroxeadas, provocando um intenso luzeiro, e anunciando a ressureição

do pequeno inocente que teve a sua vida exacerbadamente ceifada.

No imaginário mundo da imaterialidade da alma, o universo renasce fabuloso, enquanto uma chama falárica metamorfoseia-se num harmonioso anjo ornado de flores. O anjo em seu deslumbrante esplendor, realiza um voo divinal sobre o vilarejo Nova Jerusalém, e de forma colossal abre as suas asas sobre o passageiro da morte.

O passageiro ecoa o seu último gemido como que implorando perdão ao anjo, e o anjo na sua benevolência espiritual, o perdoa através de uma inocente lágrima que desliza vagarosamente sobre o seu rosto e cai com destino a terra mãe.

A imaculada lágrima no seu estetizante trajeto bate silenciosamente sobre o coração do passageiro do crime, e este por sua vez, dar o seu último suspiro de vida e se transforma num vulto escuro assustador e demoníaco. O vulto apresenta-se em forma de assombração e tormento, ao tempo em que é devorado e elevado ao alto suplício por milhares de monstros perniciosos em formato de camirangas gigantes.

Através do amor, a alma benevolente sempre vence o espírito pugnaz e belicoso. A alma virtuosa e prodigiosa com as suas asas complacentes é a mais divinal transportadora de paz entre o céu e a terra.

A alma generosa abençoou a sua escolinha, que continua ensinando e aprendendo os valores éticos e morais, abençoou o seu lar, que continua criando com amor os seus entes queridos, e abençoou a sua comunidade, que continua amando eternamente o anjo da vila litigante.

# O APOGEU ABRASADOR DO DESERTO

O aviltamento exacerbado da saga humana. A abominação e abrutamento de seus atos, a escabrosidade dos velórios florestais e a insolência do crime em ascensão, são aspectos clarividentes da aversão ao ecoequilíbrio ambiental planetário.

O seringal tombou arrebatado pelo ódio profundo, o varadouro transformou-se em estrada de extração mineral, as estradas de seringa foram substituídas por imensas dunas de brita, enquanto o comboio tornou-se obsoleto e parou de transportar as cargas da castanha ou as famosas pélas de borracha natural da Amazônia Sul – Ocidental brasileira.

Os efeitos das dinamites resultaram em profundos açudes artificiais, os ribeirinhos esmaeceram ao verem cobertores de peixes envenenados, agonizando sobre os leitos fúnebres dos rios, enquanto os pulmões das coletividades absorviam o venenoso pó que os devoravam sem compaixão.

De cima para baixo o veneno transformou árvores seculares em pó, o fogo abrasador avançou tenebrosamente de forma funesta, enquanto a mácula humana nefasta e execrável, alimentava os restos mortais com sementes que mais tarde transformaria de maneira perniciosa a paisagem natural da terra mãe em lutulência.

Mas as ações sórdida e repulsiva da mão humana foram além da desonra e do aviltamento, e a repressão injuriosa e lúgubre, resultou num aniquilamento deplorável e injusto do advento do ecocídio e de um estarrecido “mar’ de areia em plena floresta amazônica.

Megalópoles foram erguidas onde antes eram rios caudalosos, das hidrelétricas restaram as suas ruinas, o útero da terra mãe secou e perdeu a sua divinal fertilidade, enquanto a Amazônia famélica passou a clamar por pão no apogeu abrasador do deserto.

# O BEM VIVER E AS PAISAGENS DA FRONTEIRA BRASIVIANA

A embelecida paisagem da fronteira brasiviana nos faz sentir integrado a uma estetizante e harmoniosa relação com a fabulosa natureza. Essa deslumbrante fascinação entre homem e floresta de um mundo ornado de brandura nos coloca diante de um esplendor e florescente sentido da vida divinal. Nessa formidável e colossal relação entre ser, lugar e tempo, a natureza na sua briosa generosidade, torna-se cada vez mais imensurável, como que adormecida no colo da mãe terra.

Mas precisamos compreender que no mundo há também o impoluto, e que as máculas afetam negativamente o processo prazeroso do bem viver. Para o ativista ambiental Pablo Solón, o objetivo do bem viver é a busca do equilíbrio entre diferentes elementos que compõem o todo. Para o mesmo autor, é uma espécie de harmonia não apenas entre seres humanos, mas também entre humanos e a natureza, entre o material e o espiritual, entre o conhecimento e a sabedoria, entre diversas culturas e entre diferentes identidades e realidades.

Nesse mesmo sentido o economista Alberto Acosta nos esclarece que o bem viver aceita e apoia maneiras distintas de viver, valorizando a diversidade cultural, a interculturalidade, a plurinacionalidade e o pluralismo político. Para Acosta é necessário adotarmos uma diversidade que não justifique nem tolere a destruição da natureza, tampouco a exploração dos seres humanos, nem a existência de grupos privilegiados às custas do trabalho e sacrifício dos outros.

O bem viver da terra mãe precisa, portanto, conviver imbricado às paisagens da fronteira brasiviana, caso contrário, elas deixarão de existir face às ações predatórias da mente humana. Segundo Paul Vidal De La Blache, sem dúvida, a ação do homem se faz sentir sobre seu meio desde o dia em que sua mão se armou de um instrumento. O também geógrafo francês Georges Bertrand, nos diz que a paisagem não seria a simples junção de elementos geográficos, mas a combinação dinâmica, estável, dos elementos físicos, biológicos e antrópicos, porque segundo ele, a paisagem não é apenas natural, mas é total, com todas as implicações da participação humana.

O homem precisa ser complacente com a esperança, com o equilíbrio e com a própria consciência no sentido de poder continuar devaneando-se na suntuosidade da natureza e do seu espaço de ação, pois conforme nos instiga Carl Sauer, nós não podemos formar uma ideia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas com o espaço.

No entanto, Paul Claval, nos esclarece que os espaços humanizados superpõem múltiplas lógicas, ou seja, eles são em parte funcionais, e em parte simbólicos. O mesmo autor ressalta que a cultura marca esses espaços de diversas maneiras, isto é, modela-os através das tecnologias empregadas para explorar as terras ou para construir os equipamentos e as habitações, e molda-os através das preferências e os valores que dão

as sociedades, suas capacidades de estruturar espaços.

Apesar da sua contemplação devaneante da natureza, as paisagens da fronteira brasiviana continuam sendo ameaçadas de forma desenfreada pela ação humana malevolente. Para João de Jesus Paes Loureiro, uma das características desse modelo capitalista na Amazônia tem sido as profundas transformações que imprime à natureza, à paisagem e ao homem, na medida em que o sistema de vida é radicalmente conflitado. Para Loureiro, é um modelo que leva ao lado do desapossamento do homem, uma ação desnaturadora da paisagem e seu entorno cultural.

# O EMBUSTE DE ZÉ NINGUÉM

Averso a brandura e empatia, distanciado de sentimento e pertencimento, e absorto por um mar de lama que o absorveu, Zé Ninguém insiste afrontosamente em abdicar da doçura de sua própria alma.

Sem obstinação e comiseração, sem benevolência e valor, e sem empatia e generosidade, Zé Ninguém tornou-se adepto da balbúrdia e da mentira ardilosa.

Zé Ninguém optou pelo estado da belicosidade, por alijar as vestes da terra mãe e por se caracterizar como exímio delinquente de uma mentira ardilosa e beligerante.

Caduco e obsoleto, Zé Ninguém prefere condenar a floresta ao patíbulo e ao infortúnio do que oferecer uma lição de amor a um órfão de felicidade. Sem honra e sem pudor, ele sonha com as coletividades tradicionais e originárias, submetidas de forma abrasadora a um estado agonizante de catástrofe e sofrimento.

Zé Ninguém insiste em ceifar a alma e a vida, insiste em cercear o direito à intelectualidade, e insiste em promover os cacófatos planos da criminosa e imoral falsidade ideológica. Seus atos execrados, ferem profundamente o estado de direito, pois prefere adotar o desregramento, em vez de lutar pelo advento dadivoso de uma axiologia ontológica do bem viver.

Mas diante da sua derrocada humana, Zé Ninguém esqueceu de dizer que não é um zé ninguém, este seu delituoso perfil social diz muito bem quem ele é, ou quem ela é: uma espécie de sociedade criminosa envolvente que quer defraudar e desterrar a benevolente alma de uma coletividade amazônica ribeirinha, fixada no encontro das águas do Madeira e o Abunã.

Zé Ninguém não é pai, não é mãe, não é família. Zé Ninguém não é amor, é apenas um olheiro ou olheira de quem prefere ceifar a vida do que plantar uma semente do relevante ato de educar.

Na sua ruina humana, ele quer uma danosa desorganização generalizada do poder público, para poder continuar provocando a perda da esperança, da desilusão, da frustração e do sentimento de tristeza.

Zé Ninguém é o espelho do descalabro, do desdém e da hecatombe humana. Zé Ninguém, Zé Olheiro, Zé Faccioso e Zé Devassidão, eles se unem para matar o homem e a terra, mas os nossos direitos, eles nunca matarão.

# O GARGALO E A CRUZ

O aviltamento humano e a sua abominação à terra mãe, transforma-se numa fútil abjeção que coloca a natureza exuberante em estado opróbio da vida e numa condição escabrosa e exacerbada do ser.

Essa alcantilada agrura da intolerância humana destrói o pertencimento, arruína o sentimento, provoca a aversão repugnante e sepulta a inteireza de caráter do homem.

No auge da desordem e do conflito, o bem viver é desonrado pela avidez de espírito, é asfixiado pela cobiça ignominiosa, é desterrado pela antipatia e afugentado pela soberba e insolência de uma geopolítica sem remo e sem rumo que nos leva ao sacrifício de suprimir o amor pela vida.

A verde mata é arrebatada pelo ódio, a natureza é tratada com rancor, a terra mãe é perseguida pela beligerância, enquanto os seus rebentos são cruelmente alijados do pertencimento de lugar.

A ascensão insolente e grosseira da mente humana provoca o desalojamento de almas, cessa a concatenação do ser com a terra, extenua a harmonia estetizante do enraizamento cultural e violenta com escárnio a virtuosa volúpia do bem viver.

Esse prodigioso e inefável bem viver é arrancado brutalmente do vivificante lugar, é estagnado de forma espúria pela estigmatização preconceituosa e evasiva, é extenuado pela prática incessante de atos burlescos e fragilizado pela gandaia grotesca do desregramento público vigente.

A insignificância da estupidez humana e o conluio da chicana administrativa, são de forma clarividente, as duas colunas que erguem o deletério do poder público, ou seja, o gargalo e a cruz.

# O GUARDIÃO DA FLORESTA

O vento favônio da mata em extinção, mais parece uma brisa oriunda da ardente frágua de ferreiro. A floresta metamorfoseada em fornalha, rende-se sem comiseração à ferócia humana sinistra.

Coletividades tradicionais e originárias da Amazônia são extremamente compelidas ao farelório insignificante da vida, enquanto o crapuloso ato da política da invisibilidade se transforma no gargalo crucial que emperra o advento ontológico do bem viver.

O fabuloso, mas famélico povo da floresta, vítima de um discurso dominante falaz e persuasivo, resiste com resiliência e honradez ao desditoso ato de matar.

O espaço de ação é transformado em gólgota, o habitat natural é sucumbido pelo escabroso, os modos de vida são alimentados pelo ódio e pelo escárnio, e as relações de harmonia do homem com a terra, tornam-se ludibriadas e espoliadas de forma depreciadora, pela absurdez de um regime engendrado pela repulsa e aversão de uma sociedade bestializada pelo poder.

O amotinamento xenófobo e alcantilado do status quo vigente, em sua emboscada insolente e repugnante, entra em ação de forma gananciosa e aviltante, como desejo ignominioso de derramar o sangue de todos aqueles que insistem e resistem em abraçar e proteger a terra mãe.

Os guardiães da floresta são leiloados pelo ódio profundo e marcados para morrer, tornando-se presas fáceis e vulneráveis, diante da cilada e soberba do crime em ascensão.

Nesta asserção criminosa e assuada da aversão reinante à família guardiã, a avidez humana dilacera a relação virtuosa e inefável deste lar com a terra, através de um poder bélico incessante, e neste conciliábulo da morte, leiloam a virtuosa vida do próximo guardião.

# O IMPÉRIO DAS CINZAS

Obstinados e intrépidos na incansável luta em desfavor do asfixiamento de suas terras e da desterritorialização histórica de suas coletividades originárias, os povos indígenas continuam resistindo a aversão, a extirpação e à execração criminosa da sociedade afrontosa envolvente.

O alijamento e o infortúnio cometido contra as suas populações, continuam postos ao calvário, condenados às regras do calabouço e ao cerco coercitivo da malevolência humana.

Sem complacência, tolerância ou brandura, os povos originários da Pan – Amazônia, continuam em colisão com a contumaz conturbação do poder culminante do capital.

Debilitados da delinquência ardil e da desorganização institucional generalizada, as nações indígenas ancestrais sobrevivem desnorteadas ao despautério estatal e a discrepância desidiosa estereotipada da globalização, que de forma esdrúxula continua enrijecendo a ruptura da relação harmoniosa entre os seus povos e a terra mãe.

Neste enigmático enfrentamento, entre o engodo e o esfacelamento histórico – cultural, entre o comportamento dominante exacerbado e os valores axiológicos ancestrais, as minorias étnico-raciais marginalizadas, padecem diante da própria vulnerabilidade e exaustão, em detrimento ao ódio profundo de uma sociedade hegemônica tacanha e violenta, que insiste em continuar desalojando almas e assassinando de forma fútil, o brilho transcendental e imaculado dos povos indígenas da Pan – Amazônia.

A ignobilidade social imbricou-se na ilicitude, o imbróglio aproximou-se rotineiramente da propina, e a inépcia de alguns setores do poder público, chega a contribuir para que um território constitucionalmente protegido se transforme num espaço de ação inóspito e lutulento.

Nesta clarividente claudicância, prevaricação e coercitividade, se faz urgente e necessário, agirmos com respeito e resiliência, e ao mesmo tempo, lutarmos contra o desmazelo desmedido, e a discrepância da depravação de costumes, no sentido de contermos a abominação pela mata e o advento arrepiante e hostilizado do império das cinzas.

# O SOLDADO DA BORRACHA E AS MULHERES SILENCIADAS DO SERTÃO

O Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para o Amazonas – SEMTA, era o órgão responsável pelo recrutamento e encaminhamento dos sertanejos nordestino para os seringais amazônicos. Para tal, seria necessário que o trabalhador recrutado assinasse o contrato padrão de trabalho nos seringais.

Maria Verônica Secreto nos informa que os milhares de trabalhadores nordestinos recrutados desde inícios de 1943 para trabalhar na região amazônica na extração da borracha assinaram um contrato de 'encaminhamento', no qual podiam optar — e a grande maioria optou — pela assistência que o S.E.M.T.A. (Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para Amazônia) oferecia para suas famílias que ficavam no Nordeste.

Verônica Secreto nos esclarece que sobre o contrato de encaminhamento, no item assistência às famílias" havia algumas diferenças entre os contratos do SEMTA e os da CAETA. Pelo primeiro, às famílias assistidas serão creditados dois cruzeiros por dia por dependente, não superando o montante de oito cruzeiros, qualquer que fosse o número de dependentes (cláusula quarta).

A família do trabalhador que optasse pela assistência do SEMTA, mediante desconto dos vencimentos ou de quaisquer outros proventos obtidos pelo contrato, seria assegurada a continuação da assistência prevista durante toda a vigência do contrato do trabalhador no seringal.

A propaganda dos trabalhadores recrutados antes da viagem aos seringais amazônicos era transformada numa atividade festiva e patriótica como se a riqueza e a felicidade estivessem aguardando os novos felizardos do sertão.

Desta forma, a historiadora Maria Verônica Secreto, apontou que os trabalhadores podiam assinar tipos de contrato que estabeleciam assistências diferenciadas para às suas famílias. Os contratos de encaminhamento, segundo a autora, eram idênticos para todos os trabalhadores, o que mudava era o tipo de assistência familiar. Neste caso, os dependentes do trabalhador, em sua maioria mulher e filhos, podiam permanecer em hospedagens administradas pelo SEMTA.

Enquanto os soldados da borracha migravam rumo aos seringais amazônicos, sua família ficava numa espécie de acampamento – denominado núcleo - tomada pela angústia e saudade. Em Fortaleza, as famílias foram alojadas no núcleo Porangabussu, que ficou sob a coordenação de Regina Frota, Esposa do artista Jean Pierre Chabloz.

Secreto nos informa que entre os materiais pertencentes ao corpus documental "Regina Frota", depositado no Museu de Arte da Universidade do Ceará (MAUC), ela encontrou um conjunto de cartas escritas pelos soldados da borracha, e pelas esposas que ficaram sob os cuidados do SEMTA. Segundo a autora, as cartas dos maridos foram

enviadas de diferentes pontos da Amazônia e chegaram ao destino – o núcleo – ou, mais precisamente, a Regina Frota, porque estavam endereçadas a ela, com quem esses esposos tinham conversado antes de partir e na qual confiavam, segundo se depreende da leitura das correspondências. As cartas das esposas, por sua vez, não chegaram ao destino.

Essas cartas, segundo Secreto (2007), podiam não ter chegado ao seu destino em virtude do seu conteúdo, como também, pela dificuldade de se conseguir o endereço para enviá-las. Sobre as cartas enviadas, a mesma autora, nos diz o seguinte:

Há uma primeira carta muito significativa da saudosa Elcidia Galvão, de 20 de junho de 1943. Sua saudade é tão grande que leva a escrever a seu Cursino frases como estas: "Hoje as saudades crucificam-me mais do que nunca"; "Quantas noites, quantos dias o meu coração invadido de umas infindas saudades e muitas vezes derramam-se meus olhos lágrimas por esta tua ausência por tão longos tempos"; "Vivo neste núcleo de tristeza sem você"; mas suas cartas não são somente de saudades, pois Elcidia se queixa amargamente das condições de vida no núcleo, onde "já botaram inquisição por causa do fumo". Ele informa ao marido que advertira a "mulher do Doutor", dona Ivete, e ao doutor também que preferia ser "enxotada" a deixar de fumar, já que fumar e chorar eram seus únicos confortos.

Com a substituição do SEMTA, pela CAETA (Comissão Administrativa pelo Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia), as famílias beneficiadas deixaram de receber seus vencimentos, e realizaram uma série de pedidos que foram enviados ao presidente Getúlio Vargas, mas sem resultados. Mulheres e crianças foram submetidas a graves infortúnios em nome da sobrevivência e de uma propaganda enganosa.

Os acampamentos ou núcleos, alojaram pessoas que acreditando em no bem-estar de toda família, submeteram-se ao sacrifício de ver seus lares sofrerem graves rupturas, para sempre.

Segundo Freitas, os núcleos instalados foram desativados; portanto, não foram efetivadas as teorias quanto ao deslocamento das famílias para o interior do estado. Em seguida, os supostos "auxílios que receberão [as famílias] da Amazônia de seus parentes" não encontraram brecha de realização, já que muitos dos que foram morreram nos seringais, dizimados por doenças, desaparecidos nas matas – talvez atinados pelo mesmo fim – e jamais mandaram notícias a seus familiares.

Para Góis as leituras das cartas do núcleo de Porangabussu, enviadas pelas esposas dos soldados da borracha aos seringais amazônicos, demonstram os conflitos de cotidianidades em que elas estavam inseridas. Por outro lado, a forma de resistência dessas mulheres, apontam para uma luta em que elas foram fortes sujeitos dessa história.

A leitura das cartas produzidas pelas mulheres do Núcleo de Famílias do Porangabussu pode nos dar pistas do contexto em que estas mulheres estão inseridas, dos conflitos cotidianos por elas vivenciados, das relações estabelecidas entre elas.

Estas mulheres que lá viveram também estavam inseridas numa política mais ampla de povoamento da Amazônia e de extração da borracha. Elas também encontravam estratégias de resistência e se configuravam como sujeitos da história.

O fim do pagamento às famílias pela CAETA, resultou em momentos de miséria dessas mulheres do sertão. A ação era desumana porque lançara na miséria mais de 4.500 pessoas, famílias de homens que acudiram ao chamado da pátria. Mas, a autora acrescenta que a partir da ideia de 'miserabilidade' da população nordestina na conjuntura de crise, chegou-se à errada conclusão de que as pessoas aceitariam qualquer condição.

A Historiadora Maria Verônica Secreto, conclui dizendo que essas mulheres não sentiam que lhes estavam "matando a fome", não se conformavam com um prato de comida balanceado por uma nutricionista, não fariam qualquer trabalho por um teto e uma cama limpa. Elas tinham alguns costumes que pretendiam manter. Elas queriam fumar e estavam cientes de que era o trabalho de seus maridos o que as mantinha. Não sentiam nenhum tipo de agradecimento pela "assistência".

# OS GUMES SINISTROS DO PESO – PARTE I

O recém-nascido ficara sem o seu leite sagrado, enquanto a matéria da mãe é devorada dentro da cova. A sociedade ficou responsável por traçar o inóspito destino do mais novo menino de rua: sem lar, sem pão e sem nada.

Morando de vila em vila, vagando de lar em lar, escorraçado de teto a teto e batendo de porta em porta, o herdeiro do feminicídio não conseguiu juntar os últimos pedaços de músculos grudados entre o couro e os ossos: um pai assassino – morto e esmagado numa derrubada por uma árvore centenária, enquanto trabalhava numa área de desmatamento – e os dois irmãos mais velhos, executados numa área de conflito que envolvia a luta pela terra entre posseiros e grileiros, e que logo em seguida tiveram os seus corpos desaparecidos.

A única honraria que lhe coube na sociedade foi ter o direito de poder entrar na morada dos mortos e visitar o lugar sagrado onde a sua mãe estava descansando há exatamente 12 anos: a cova sem cruz do cemitério da impunidade.

Numa noite macabra na vila dos injustiçados, os moradores ouviram um tremendo tiroteio, misturado a um grito solitário de misericórdia: a vila dos “justiceiros” tinham ceifado a vida do herdeiro do feminicídio.

Os “justiceiros” matam crianças às escondidas, enquanto as suas crianças não escondidas serão médicas, professoras, promotoras e outras grandes profissionais, diferente da criança herdeira do feminicídio que teve a sua vida escondida para sempre.

# OS GUMES SINISTROS DO PESO – PARTE II

A avareza aviltante e degradante da ganância humana e a sua capciosa contumácia do ato abusivo de burlar e atentar contra o Estado democrático de direito, expõe as comunidades marginalizadas a uma sufocante bancarrota que as condena a um crucial e danoso apagamento da existência ontológica e vivificante do ser.

Essa espoliação depreciativa e fraudulenta é o escabroso resultado do escárnio sarcástico da valorização da vida e da iniquidade perversa e ardil da agrura exacerbada do poder econômico que ceifa as relações de paz, arrebata a família do lugar, cessa o direito ao pão, extenua o último suspiro e sentencia o lar à derradeira morada, sem ter direito se quer a uma flor, solitária no pé da cova.

O distanciamento entre as esferas constitucionais do poder público e as minorias étnico – raciais subalternizadas são reais e clarividentes, porém, não podemos abdicar dos processos ontológicos de enfrentamento e resistência no sentido de que a complexidade dessas relações entre definitivamente em colapso.

O feminicídio exacerbado virou cotidiano do lar diante do ódio profundo da sociedade vigente patriarcal que de maneira fútil condenou a família à desgraça e ao infortúnio, extirpando o recém-nascido da doçura do leite materno que o nutria e o fazia adormecer.

Na macabra marcha da noite adormecida, o pequeno casebre construído de tábuas envelhecidas entrelaçadas, torna-se impiedosamente lúgubre. O tenebroso “marido” anuncia a sua chegada, a imaculada mãe abre a porta e volta a amamentar o recém-nascido. De forma repentina e embrutecida, ele se apossa de uma afiada adaga e desfere com malevolência inúmeros golpes mortais às costas da mulher indefesa.

Os ecos do ódio e da morte acordam os outros dois filhos, um de sete anos e o outro de nove. Ainda houve tempo para que ambos corressem desesperados e fossem avisar a tia e vizinha. Ao chegarem à cena aterrorizante, ouviram apenas os últimos e lutulentos gemidos de uma mãe agonizando.

Em decúbito lateral, o seu corpo continuou de lado, como quem estava querendo proteger o filho de algum ferimento por parte do agressor. Ilesa, a criança recebeu a última gota do divinal leite materno que vagarosamente escorria sobre a sua inocente face e aos poucos a alvura dessa gota de leite foi sendo vencida por um líquido vermelho que continua desequilibrando a balança e fortalecendo os gumes sinistros do peso.

# PECULIARIDADES DA COZINHA BRASIVIANA

É na exaltação dos sentidos – entranhados de forma prodigiosa à natureza – que o homem estabelece uma radiante relação com a Mãe terra, buscando sempre vivificar um sentimento de paz e harmonia com a devoção e a espiritualidade do lugar.

No espaço e tempo a coletividade passa a fazer parte do lugar e a conhecê-lo como fonte inesgotável de pertencimento. Para Lívia de Oliveira conhecer um lugar é desenvolver um sentimento topofílico e topofóbico, sem se importar se é um local natural ou construído, pois a pessoa se liga ao lugar quando na cotidianidade se adquire um significado mais profundo e mais íntimo.

Na desmesurada profundeza dessa intimidade com o lugar, o homem ribeirinho torna-se indissociável do seu espaço de ação, e nessa encantatória vivência surge de forma imaculada e transcendental, o divinal amor pela casa. É na casa onde brotam os mais estetizantes devaneios, e onde o homem adormece na sua original imaterialidade da alma.

Gaston Bachelard nos faz meditar ao dizer que para um estudo fenomenológico dos valores da intimidade do espaço interior, a casa é, evidentemente, um ser privilegiado, e isso, é claro, desde que, segundo ele, consideremos ao mesmo tempo em sua unidade e em sua complexidade, tentando integrar todos os seus valores particulares num valor fundamental.

Na axiologia desses valores fundamentais da casa, Bachelard nos ensina de que a casa da lembrança se torna psicologicamente complexa, e a seus abrigos de solidão associam-se o quarto, e a sala, por exemplo. Para o referido autor, a casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade. No entanto, nos dedicaremos aqui à realizarmos uma sucinta reflexão sobre a fenomenologia da cozinha beiradeira.

A cozinha continua entranhada à casa, assim como o lar, continua imbricado à cozinha. É nela onde a família ao entorno da mesa, realiza as suas orações, agradece ao criador pelo pão de cada dia e reestabelece as relações da pureza de sentimento com os seus entes amados. A cozinha é o centro dialógico da casa, é o espaço divinizado da sua dimensão coletiva, e é o local de paralelo entre os momentos de alegria e de dor.

Entre a mesa e o fogão brotam os imaginários de uma memória coletiva, brotam as celebrações da exaltação desmesurada dos sentidos e brotam os devaneios ontológicos das encantarias florestais. Ao falar sobre as condições rurais do mundo antigo, o escritor Otto Friedrich Bollnow, nos informa que num sentido bem literal, é o fogão que outrora já se localizava espacialmente no centro da casa e ainda tinha um significado diretamente sagrado, que era o fogão como altar. Para o mesmo autor, fogão e mesa, eram, dessa forma símbolos do centro comum da família.

Edward Relph nos relata que o sentido de interioridade se refere à familiaridade, conhecendo o lugar de dentro para fora, diferente como faz um turista ou um observador.

Para Relph estar em casa, é, para muitas pessoas, a forma mais intensa de interioridade. O mesmo autor, ressalta ainda que o lar, é onde as raízes são mais profundas e mais fortes, onde se conhece e se é conhecido pelos outros, o onde se pertence, e ainda nos alerta ao dizer que a ausência de lar pode nos levar à saudade.

A família ribeirinha é um lar divinizado, é um eixo sublime do fecundíssimo útero do mundo, e jamais poderemos concordar que uma globalização reacionária e excludente, possa sem nenhuma noção de escrúpulo, dilacerar essas tradicionais relações de pertencimento entre a casa e a natureza, e consequentemente, com as suas concepções estigmatizadas, exterminem as peculiaridades da cozinha brasiviana.

# PORTO VELHO DE CADA DIA

O fecundíssimo útero da Mãe Terra no seu estetizante estágio de benevolência e generosidade é briosamente contemplado pelo imaculado sopro da vida, celebrado divinalmente pelos demiurgos criadores da humanidade. Briosamente grávida no mundo cósmico do universo, a Mãe Terra é envolvida pelo manto sagrado dos deuses, e de forma encantadora é iluminada e amaciada por um raio telúrico que faz abrir a sua divinizada bolsa da existência humana.

O parto mítico da criação no repouso da sua cosmogonialidade é celebrado pelas encantarias florestais que em ritualidades sagradas, anunciam o dadivoso nascimento do porto. O porto ainda é uma criança, e, portanto, precisa sobreviver. A criança cresce alimentada por diversas coletividades originárias que navegam silenciosamente numa inefável rede fluvial de ubás.

A criança se torna moça, e sem o temor do desconhecido assiste as seculares lutas tribais sem se amedrontar, devido a sua obstinada resistência, os deuses da floresta a transforma em Porto Mãe, e anunciam a migração de muitos filhos. Porto Mãe observa que as pequenas ubás vão sendo encurraladas e extintas, batelões e navios lhe tiram o silêncio, religiosidades europeizadas hostilizam as mitologias e ritualísticas ancestrais, enquanto os tortuosos cordões umbilicais de todos os continentes se tornam rotas fluviais que se entrelaçam às águas barrentas do rio madeira para anunciar o advento de um lar intermulticultural.

Porto Mãe permitiu que no seu vasto corpo fosse construído uma longa estrada, edificada à ferro e sangue, Porto Mãe assistiu as suas águas receberem mercúrio em troca da extração ilegal de seus recursos naturais, mas Porto Mãe jamais deixou de ser uma mãe acolhedora, jamais desistiu de cuidar de seus filhos, e jamais deixou de ser a nossa querida e amada Porto Velho de cada dia.

# PRÊMIO MIOLO DE POTE

Aversão e distanciamento ao jornalismo de verdade é uma esdrúxula privação de informação a sociedade que carece de propostas transparentes de políticas públicas no intuito de exercer com segurança o direito sagrado à cidadania.

Para legitimar o sufrágio universal, o povo precisa ouvir com sabedoria para poder se manifestar diante de uma escolha democraticamente livre e constitucional. Nesse sentido faz-se necessário que os candidatos não se recusem ou se neguem a informar e esclarecer as suas propostas de governo aos eleitores, sob pena de serem extirpados da política e cair de forma ofuscada ao esquecimento.

O som cacófato é um som desagradável e sem resposta aos ouvidos do povo, e quem se negligencia a sentar na mesa soberana da democracia corre o sério risco de cair no cadafalso da vida pública.

Abnegar propostas de governo aos veículos de comunicação de massa é no mínimo faltar com a responsabilidade política e social e se abster de forma alijada dos processos de tolerância, brandura e resiliência ao eleitorado brasileiro e rondoniense.

Esta contumácia grosseira e fútil de quem se nega a se deliciar do banquete generoso da democracia são exemplos clarividentes de candidatos despóticos, possuidores de um embuste ardiloso e de um candidato fortíssimo à ser brevemente condecorado com o inédito prêmio miolo de pote.

# VISÃO HOLÍSTICA DE MUNDO

Um olhar alienado nos leva ao féretro da cova. A fenomenologia nos ensina a enxergar com a alma para que evitemos a estúrdia exacerbada dos povos da humanidade.

Um olhar estereotipado nos leva a um mundo estático e estapafúrdio. Um olhar espúrio esmaece os valores e nos condena à espoliação do poder público. Um olhar sem escrúpulo é esdrúxulo e desmoralizante, e condena a sociedade a um engodo nefasto e enclausurado.

Sem um olhar autônomo, emancipado e dinâmico do ser, o homem perde a eficácia do ato de pensar, perde o equilíbrio de justiça e sepulta o dadivoso senso da ética da vida cotidiana.

A visão de mundo não deve ser desterrada e exaurida, não pode servir de colunas da devassidão e não pode deixar o espírito humano desprovido de benignidade, virtuosidade, resiliência e empatia.

Se olharmos o outro sem o sentimento de derrocada, sem o pertencimento de descalabro e sem a apropriação da degradação hostilizante da vida, certamente, estraremos construindo e reconstruindo, uma dadivosa visão holística de mundo.

# NO CAMINHO DA ESCOLA

O processo de ensino – aprendizagem não produz sons cacófatos aos ouvidos de quem verdadeiramente ama a escola. A unidade escolar nunca foi e jamais será uma espécie de cadafalso, patíbulo ou infortúnio do conhecimento.

A escola liberta e nos ensina a superar qualquer tipo de calvário ou calabouço causticante da cotidianidade da vida humana. Não é provocando celeumas nem ceifando vidas que conquistaremos o exercício pleno de cidadania e não é negando o saber que construiremos os degraus que nos leva ao tão sonhado berço da democracia planetária.

Na escola não há espaço para a delinquência, não há lugar para atos delituosos, não há abertura para a derrocada humana e não há caminhos tortuosos para promover o descalabro e a dor.

Essa dor que desonra a decência
Fere a alma, destrói a vida e o lar
Faz uma mãe de joelhos chorar
E um pai conviver na penitência
Faz a moral do país ir à falência
E a nação sepultar os seus valores
Faz a escola, perder atores e escritores
Médicos e outros profissionais
Faz os presídios, se encherem de marginais
E os cemitérios se enfeitarem flores

Na escola não promovemos discrepância ou devassidão, não promovemos estereótipos ou estigmatizações, não promovemos o embuste ardiloso da empáfia e não promovemos o enclausuramento discrepante do imaculado ato do saber.

O nosso amor pela educação é verdadeiro e genuíno, e jamais seremos adeptos do escárnio social e de comportamentos esdrúxulos que causam o esfacelamento e o espólio estapafúrdio da alma.

Do amor seremos sempre atores
Em defesa dos direitos das crianças
Garantindo-lhes seus sonhos e esperanças
Atenuando seus fracassos e suas dores
Os adolescentes serão na vida vencedores
Sem precisar de amanhã serem condenados
A família não terá filhos assassinados
Vítimas de um desfecho caduco e violento
Não queremos um lar de lágrimas e de lamento
Nem o cortejo de estudantes sepultados

# AS ÁGUAS BRASIVIANAS

Em sua essência divinizada as águas brasivianas correm entranhadas à floresta de forma desmesurada e estetizante. As suas passagens devaneantes invadem de forma transcendental as memórias coletivas dos povos ribeirinhos, ensinando a humanidade a viver sem a adoção reacionária de concepções preconceituosas e estigmatizadoras.

As águas brasivianas não são xenófobas e não afugentam os povos vizinhos ao ponto de provocar uma migração forçada e uma desterritorialização autoritária e doentia. No encontro das águas binacionais não há penumbra nem escombros, não há engendramento nem asfixiamento das relações naturais e não há censura ou extermínio da exuberância cósmica divinal.

Enquanto as águas nos ensinam as mais benevolentes lições de amor e união, a humanidade ainda insiste em ceifá-la de forma horripilante, sem deixá-la correr livremente em seus leitos divinais.

Deixe a água alimentar nossa gente
Deixe a água proclamar sua fartura
Deixe a água mostrar a nossa cultura
Deixe a água brotar nua na nascente
Deixe a água correr nua eternamente
Deixe a água cumprir livre seu destino
Deixe a água cantar viva nosso hino
Deixe a água aliviar nossa sede
Deixe a água esfriar a nossa rede e
Deixe a água com seu jeito cristalino.

As águas são imaculadamente capazes de promover e lapidar a substância ontológica humana, de entronizar na paisagem as suas encantarias florestais, de se tornar o sustentáculo espiritual da paz, de provocar o sentimento de perenidade do amor e de embelecer a alma humana de tolerância, brandura e respeito às diferentes diferenças.

A nossa fabulosa e deslumbrante água é cenário temporal e espacial da sobrevivência humana, a nossa briosa e generosa água nos alimenta sem ódio e sem mácula, a nossa suntuosa e complacente água é a pujança do desenvolvimento sustentável e a obstinação radiante do bem viver.

A nossa virtuosa e prodigiosa água é a maviosidade vivificante da terra, é a dádiva inebriante da vida, é a magnitude resplandecente da empatia e é a mais sublime e encantadora pirâmide natural que ergue a doutrina da preciosa sobrevivência dos povos planetários.

Nossa água mata a sede do menino
Nossa água cura a pior cicatriz
Nossa água alimenta o país
Nossa água tem espírito divino
Nossa água tem um leito genuíno
Nossa água tem jeito de liberdade
Nossa água é a nossa felicidade
Nossa água é a mãe dos nossos dias
Nossa água é o pão humano em fatias
Nossa água é o berço da humanidade.

# A FERA DEPOIS DE MORTA

O arquétipo do desdém surge do inesperado ato da abnegação humana do ser do ente. São muitas as teorias que surgem depois da balbúrdia feita com os entes esquecidos, e a partir daí as colunas que erguem as doutrinas da esfera do poder corretivo, começam a se achar o bicho da goiaba encarnada.

Além da queda, o coice. A batida da palmatória se revoltou contra o seu criador e veio exatamente de encontro aos que labutam no dia a dia na árdua tarefa de educar a nação. Os donos das palmatórias coercitivas agora são outros, eles são de outro poder, e já chegam acuando todo mundo, como se fôssemos os verdadeiros culpados dos anátemas sociais da vida.

O mais interessante é que o arquétipo do desdém se quer nos orientaram como agir diante da malevolência humana, depois chega com a capa protegendo as costas, com o chapéu protegendo a cabeça, com a máscara protegendo os olhos, com as ferraduras protegendo os cascos, com a estrela brilhando no peito e com os arreios guiando a marcha em direção à massa excluída.

Depois da operação cascão veio o chicote do sermão comendo de esmola. Vixe! Eu quase escrevi o código certo. Mas não tem nada não, com certeza eles entenderão o fio da meada. Opa! Quase escrevi o segundo código. É melhor parar por aqui, senão a peia come. Na verdade, o mais importante é agente saber que os remédios só aparecem com a fera depois de morta.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


ACOSTA, Alberto. O bem viver – uma oportunidade para imaginar outros mundos. Editora Elefante, São Paulo, 2018.

ARKONADA, Katu. Descolonização e viver bem são intrinsicamente ligados. IHU. On-line, 2010.

AB SABER, Aziz N. **Os domínios da Natureza no Brasil: Potencialidades paisagistas.** São Paulo: Ateliê, 2003.

ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter. **Sociedades caboclas amazônicas: Modernidade e Invisibilidade.** 1º edição. São Paulo: Annablume, 2006.

ALMEIDA, Alfredo Wagner B de. **Exportações das tensões sociais na Amazônia: Brasivianos, Brasuelanos e Brajolas – Identidades construídas no conflito**. São Paulo, Travessia – Revista do Migrante – CEM, ano VIII, nº 21, janeiro – abril, p. 28 – 31, 1995.

ALMEIDA SILVA**. Territorialidades, identidades e marcadores territoriais Kawaib da Terra Indígena Uru – Eu – Wau – Wau em Rondônia.** São Paulo. Paco Editorial, 2015.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

______. **A Poética dos Devaneios**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

______. **A Terra e os Devaneios da Vontade.** São Paulo, Martins Fontes,1989.

______. **A Agua e os Sonhos**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

BANIWA, André Fernando. Bem viver e viver bem – segundo o povo Baniwa do Noroeste amazônico brasileiro. VIANA, João Jackson Bezerra; LUBEL, Aline Fonseca. (ORG). Curitiba, Editora UFPR, 2020.

BAKHTIN, MIKHAIL. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo. Editora HUCITEC, 1986.

_______________. **Problemas da poética de Dostoievski**. 3ª edição. São Paulo: Forense Universitária, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro, Zahar, 2012.

BAHIA, Cláudio Listher Marques. **Identidade, lugar e paisagem cultural.** In: **3º Colóquio Ibero – Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto – Desafios e Perspectivas.** Belo Horizonte: PUC Minas, Setembro, 2014.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BECKER, Berta Ge**opolítica da Amazônia: A nova fronteira de recursos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

BLACHE, Paul Vidal de La. **Da interpretação geográfica das paisagens (1908).** Neuviéme International de Géographie. Compte rendu dês travaux Du Congrés, Genebra. Societé general d'imprimerie (18), 1911, pp. 59-64. Tradução: Guilherme Ribeiro. HAESBAERT, Rogério; PEREIRA, Sérgio Nunes; RIBEIRO, Guilherme. (ORGS). In: **VIDAL, VIDAIS. TEXTOS DE GEOGRAFIA HUMANA, REGIONAL E POLÍTICA.**Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2012.

BUSS, Alcides. **Cobra Norato e a especificidade da linguagem poética.** Florianópolis, Fcc Edições, 1981.

CARVALHO, Carlos. **História Social da Borracha – Seringueiros do Acre.** Porto Alegre, Ed. Do Autor, 2005.

CASSIRER, Ernest. **Linguagem e mito**. São Paulo. Perspectiva, 1992.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo, Paz e terra, 1999.

CITELLI, ADILSON. **Linguagem e persuasão**. São Paulo, Editora Ática, 2007.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis, Editora UFSC, 2014.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia.** Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

CLAVAL, Paul. **Espaço e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

COHEN, Jean. **Estrutura da linguagem poética.** São Paulo, Editora Cultrix, 1974.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia política e geopolíticas: discursos sobre o território e o poder.** 2ª edição. São Paulo, Ed. USP, 2008

DANTAS, Kelen Gleysse Maia Andrade. **Nas Fronteiras da "Terra Prometida": trajetórias de trabalhadores rurais do alto Acre.** Dissertação de Mestrado**,** Rio Branco**,** 2009.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**. São Paulo, Perspectiva, 2015.

DEMO, Pedro. **Pesquisa Participante – saber pensar e intervir juntos**. Brasília, Líber livro, 2004.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico.** São Paulo, Editora Atlas S.A, 2009.

ESTEVES, B. M. G. **A Hierarquização dos Espaços Agrários na Amazônia Sul-Ocidental,** Presidente Prudente: Revista..Nera, A. 8, N.7, 2005.

FERREIRA, José Fernandes. **Filosofia da reflexão poética**. 1ª edição. Impressão particular. Fortaleza, 1988.

FILHO ERNESTO, Pedro. **Por dentro da cantoria.** 1ª edição. Fortaleza: Ademir Costa editor. Centro Cultural Banco do Nordeste, 2013.

_____________________. **Cidadania do repente**. 1ª edição. Fortaleza: Programa cultura da gente. Banco do Nordeste do Brasil, 2007.

FREITAS, Norma Sueli Simeão. **Os "Soldados de cristo": Igreja e migração para a Amazônia em tempos de guerra** (1942 – 1943). Fortaleza, 2015.

GOIS, Sarah Campelo Cruz. **O Núcleo do Porangabussu a partir de suas moradoras**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho, 2011.

FOCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

Gabarrón, Luís R; Landa, Libertad Hernandez**. O que é pesquisa participante**? In: **Pesquisa participante – o poder da partilha**. Brandão, Carlos Rodrigues; Streck, Danilo Romeu. Ideias e letras, São Paulo, 2006.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento.** São Carlos – SP. Pedro & João editores, 2010.

_______________________. **Ancoragens: Estudos Bakhtin anos.** São Carlos: Pedro & João editores, 2010.

GEGE – Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso. Arenas de Bakhtin: Linguagem da Vida. São Carlos: Pedro & João editores, 2008.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais.** Porto Alegre. Artmed, 1997.

GIROUX, Henry A. **Atos impuros: a prática política dos estudos culturais.** Porto Alegre, Artmed Editora, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário**. O que quer o que pode esta língua?** In: Correa, Djane Antonucci. **A Relevância Social da Linguística: Linguagem, Teoria e ensino.** São Paulo. Parábola, 2007.

GEBARA, Ana Elvira Luciano**. A poesia na escola: Leitura e análise de poesia para crianças**. São Paulo, Cortez Editora, 2002.

GNERRE Maurizio. **Linguagem, escrita e poder.** São Paulo. Martins Fontes, 2009.

HAESBAERT, Rogério. **Regional – Global: Dilemas da região e da regionalização da Geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

____________**. O mito da desterritorialização. Do "fim dos territórios" à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2016

____________. **Latifúndio e identidade regional.** Porto Alegre, Mercado aberto, 1988.

____________. **Viver no limite.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2014.

____________. **Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo.** Niterói, EDUFF, 1998.

___________. **Blocos internacionais do poder.** São Paulo, Contexto, 1994.

__________. GONÇALVES-PORTO, Carlos Walter, A **nova desordem mundial.** São Paulo, Ed. UNESP, 2005.

Hall, Stuart**. A identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Lamparina, 1992.

________. Ética na política. In: **No mundo da linguagem**. SSEVERO, Cristine Gorski; Paula, Adna Cândido; São Carlos, Pedro & João Editores, 2010.

HENRIQUES, Isabel Castro**. Percursos da Modernidade em Angola. Dinâmicas comerciais e transformações Sociais no século XIX.** Lisboa, IICT/ICP, 1997. Versão portuguesa de Commerce et changement en Angola au XIXe siècle. Imbangala et Tshokwe face à la modernité. Paris, L'Harmattan, 1995 ,2 volumes; "L'urbanisation commerciale en Angola au XLXe siècle", in Universo urbanístico português 1415-1822, Lisboa, CNCDP, 1998, pp. 313- 330; **"Comércio e organização do espaço (c. 1870-1950)", inActas da III Reunião Internacional de História de África- A África e a instalação do sistema colonial,** 1885-1930, Lisboa, nCT, 2000, pp. 71-90.

HENRIQUES, Isabel Castro. **Território e Identidade. A construção da Angola colonial (c. 1872-c. 192Ó).** Lisboa, CHUL, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis, Editora Vozes, 2002.

_________. **Que é isto filosofia? Identidade e diferença**. São Paulo, Lumiar das cidades, 1971.

_________. **Os problemas fundamentais da Fenomenologia**. Petrópolis, Editora vozes, 2012.

________. **Ontologia – Hermenêutica da facticidade.** Petrópolis, Editora vozes, 2012.

________. **Ser e verdade**. Petrópolis, Editora vozes, 2012.

_________. **Marcas do caminho**. Petrópolis, Editora vozes, 2012.

________. **Sobre a essência da linguagem**. Petrópolis, Editora vozes, 1999.

________. **A essência da liberdade humana: Introdução à Filosofia.** Rio de Janeiro, Viaverita Editora, 2012.

HOLZER, Werther. **A discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente.** In: Revista Território, Rio de Janeiro, ano IV, (7), 1996, p. 70

HOLZER, Werther. **A discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente.** In: Revista Território, Rio de Janeiro, ano IV, (7), 1996, p. 70

HOLZER, Werther. Mundo e lugar: Ensaio de Geografia fenomenológica. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

KOPENAWA, Davi. Albert, Bruce. Palavras de um xamã Yanomami. Companhia das Letras, 2015.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE. Tabela 2.8.1 – **População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo as mesorregiões.** As microrregiões, os municípios e os distritos. Rondônia, 2010.

Jornal – **O Estadão do Norte. Famílias brasileiras estão em poder de 'guerrilheiros' bolivianos.** Antônio Araújo Queiroz**.** Matéria exibida em 203/01/2008.

Jornal Folha de São Paulo. Matheus Pichonelli, 2008.

LESLIE, Paul Thiele**. Martin Heidegger e a política pós-moderna**. Lisboa, Instituto Piaget Editora, 1995.

LIMA, Geórgia Pereira. **Brasivianos: Culturas, fronteira e identidades**. XXVIII Simpósio Nacional de História, 27 a 31 de julho, p. 10, Florianópolis – SC, 2015.

LINS, A. Estellita. **Linguagem Internacional e Diplomacia**. Brasília: Escopo Editora, 1987

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: Uma poética do Imaginário.** São Paulo, Escrituras, 2001.

MARTINS, José de Souza**. Fronteira – A degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo, Editora contexto, 2009.

MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo: Educação como poíesis**. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

MACLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico.** 2ª edição. São Paulo: Cortez editora, 1999.

_______________. **Multiculturalismo revolucionário**: **Pedagogia do dissenso para o novo milênio.** 1ª edição. Porto Alegre; Artmed editora, 2000.

MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

MARANDOLA Jr, Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

MERLEAU – PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo, Martins Fontes, 2015.

Ministério das Relações Exteriores – MRE. **Instrumento executivo entre o Governo da República Federativa do Brasil, o Governo da República da Bolívia e o escritório regional para o Cone Sul da Organização Internacional para Migrações (OIM)**. Brasília – DF, 2008.

MIRANDA, Everton; NABOZNY, Almir. **Paisagem e Identidade**. In: **Anais Semana de Geografia.** Ponta Grossa:UEPG, Vol. 1, Nº 1, p. 111-115, 2014.

MORAES, Raquel de Almeida. É possível uma linguagem critica na educação? Brasília. Revista linhas crítica/UNB. Volume 12, Número 203. Dez/2006.

MOLES, ABRAHAM. **O cartaz**. São Paulo, Perspectiva, 2005.

MORGA, Antônio Emílio. **Violência masculina no mundo do seringal**. Ponencia presentada en el V Coloquio de Estudios de Varones y Masculinidades. 14-16 enero 2015, Santiago de Chile.

MORGA, Antônio Emílio; LAGE, Mônica Maria Lopes. **Vidas cotidianas das mulheres nos seringais do Amazonas.** Santiago. Revista del CEHIM, ANO 10, Nº 10, Nueva época, 2014.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças, S. **O Espaço Ribeirinho**. São Paulo, Terceira Margem Editora Ltda., 2000.

OLIVEIRA, Lívia. **O sentido de lugar.** In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

PROCÓPIO, Argemiro. (ORG). **Relações internacionais: Os excluídos da arca de Noé.** São Paulo: Hucitec, ,2005.

Projeto Ética e cidadania. Escola Jayme Peixoto de Alencar. **Arquivos históricos**. Extrema - RO, 2005.

RANZI, Pedr. **Vamos falar o acreanes.** Rio Branco, Edufac, 2017.

RELPH, Edward. **Reflexões sobre a emergência, Aspectos e Essência de Lugar.** In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

www.onoticiaro.com.br Nelson Townes. Porto Velho – Rondônia.

www.rondoniaovivo.com.br, **A sentinela do Abunã. A História de Francisca.** Matéria exibida no site em 02/06/2012.

SANTANA, Carlos César; SOUZA, Israel Pereira Dias de. **Disputas e reconfigurações territoriais na Amazônia-boliviana: um estudo sobre o Departamento de Pando.** II encontro da sociedade brasileira de sociologia da Região Norte – 13 a 15 de setembro de 2010. Belém.

SANTOS, Boaventura de Sousa. (ORG). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Por uma concepção multicultural de direitos humanos.** Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e centro de estudos sociais. Revista crítica de ciências sociais, junho/1997.

SANTOS, Milton**. A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Jandir Silva dos. **Filosofando**: revista de filosofia da uesb. ANO 1, número 1, janeiro-junho de 2013, ISSN: 2317-3785.

SAUER Sérgio; WELLINGTON Almeida. (ORG). **Terras e territórios na Amazônia: demandas, desafios e perspectivas.** 1º edição. Brasília:

SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma abordagem territorial.** In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. **Territórios e territorialidades: Teorias, processos e conflitos.** São Paulo, Editora Expressão Popular, 2009. Editora UNB, 2011.

SARAMAGO, Lígia. Como ponta de lança: **O pensamento do lugar em Heidegger.** In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

SECRETO, Maria Verónica. **Soldados da Borracha**. 1ª edição. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.2007.

SEEMAN, Jorn. Tradições humanistas na cartografia e a poética dos mapas. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. **Qual o espaço do lugar?** 1ª edição. São Paulo: Editora perspectiva, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim**. O compromisso da Pós-Graduação em Educação com o conhecimento e com a prática na formação do Professor**. In: **Pensando a Pós-Graduação em Educação.** Piracicaba, Editora UNIMEP, 1996.

SILVA, F. C. **Geografia e poesia lírica: considerações sobre A poética do espaço, de Gaston Bachelard.** GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 060 - 075, 2015.

SILVA, Josué da Costa. **Mito e lugar** – Parte V. Revista de educação, cultura e meio ambiente- set. –Nº 13, Vol. II, 1998.

SILVA, Josué da Costa Silva. **Cuniã: Mito e lugar**. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP, São Paulo, 1994.

SILVA, Sidney Antônio. (ORG). **Migrações na Pan – Amazônia: Fluxos, fronteiras e processos socioculturais.** São Paulo, Hucitec, 2012.

SILVA, Sílvio Simione da. **Resistencia Camponesa e Desenvolvimento Agrário – uma análise a partir da realidade amazônico-acreana.** Rio Branco, EDUFAC, 2011.

SIDEKUM, Antônio. **Alteridade e Multiculturalismo**. Ijuí, editora Unijui, 2003.

SCHMIDT, M. L. S. **Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas.** Psicologia USP, v. 17, n. 2. São Paulo, 2006.

SUERTEGARAI, Dirce Maria Antunes; PAULA, Cristiano Quaresma de; PIRES, Cláuia Luisa Zeferino; SILVA, Charlei Aparecido da Silva; **Orlando Valverde – O geógrafo e sua obra.** 1ª edição. Porto Alegre: Geociências – UFRGS, 2017.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social.** São Paulo, editora ática, 2008.

SOBOTTKA, Emil; EGGERT Edla; Streck, Danilo R. **A pesquisa como mediação político – pedagógica – Reflexões a partir do orçamento participativo. In: Pesquisa participante – o poder da partilha.** Brandão, Carlos Rodrigues; Streck, Danilo Romeu. Ideias e letras, São Paulo, 2006.

SOUZA, Raimundo F**. Arigó**. São Paulo, Scortecci, 2004.

SOUZA, Charles Benedito. **Geopolítica na Pan – Amazônia: Territórios, fronteiras e identidades.** Revista geoamazônica, N. 2. V.01. Belém. 2014.

SOUZA, C. Alberto. **História do Acre – Novos temas, Nova abordagem**. Autor & Editor, Rio Branco, 2006.

WAGNER, Philip L; MIKESELL, W Marvin. **Os temas da Geografia cultural**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny.**Introdução a Geografia Cultural.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

WOLFF, Cristina Scheibe**. Mulheres da Floresta: outras tantas histórias**. Revista Estudos Amazônicos • vol. VI, nº 1 (2011), pp. 21-40

TUAN, Yi-Fu. ***Espaço e lugar***. São Paulo: Difel, 1983.

Francisco Marquelino Santana é doutor em Geografia Pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR – Campus Porto Velho e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa dos Modos de Vida e Cultura Amazônica – GEPCULTURA, do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UNIR e pesquisador sobre Geografia Poética, bem viver e Fenomenologia Poética Ontológica das populações originárias e tradicionais da Pan – Amazônia. Professor, poeta, escritor, cronista e colunista do site newsrondonia.com.br. Marquelino Santana reside no distrito de Extrema – Município de Porto Velho no Estado de Rondônia e é autor de importantes obras, tais como: Poemas da Vida Amazônica (trilogia poética); Seringueiros brasivianos do rio Mamu e Crônicas da Pan – Amazônia, dentre inúmeros artigos e capítulos de livros publicados. O autor é ainda membro – comendador da Câmara Brasileira de Cultura e pesquisador do grupo de pesquisa Geografia Política, Território, Poder e Conflito da Universidade Estadual de Londrina.



# AMAZÔNIA CASTIGADA



www.atenaeditora.com.br


contato@atenaeditora.com.br


@atenaeditora


www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora

Ano 2023

# AMAZÔNIA CASTIGADA

 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena Editora
Ano 2023